



Centro de Estudos de  
Segurança e Cidadania

**UNIDADES DE POLÍCIA  
PACIFICADORA: O QUE PENSAM OS  
POLICIAIS  
– Ano II –**

**Barbara Musumeci Soares**

**- 2012 -**

## **EQUIPE DA 2º PESQUISA (2012)**

### **Coordenação:**

Barbara Musumeci Soares

### **Pesquisa e coordenação de campo:**

Alberto Alvadia Filho

### **Estatística:**

Leonardo Paris

### **Digitação do banco de dados:**

Carolina Wagner Moreira

Frank Davies

Cintia Lopes

### **Apoio administrativo:**

Ana Paula Lima de Andrade

## **PROJETO UPP: O QUE PENSAM OS POLICIAIS**

### **Coordenação:**

Barbara M. Soares

Julita Lemgruber

Leonarda Musumeci

Silvia Ramos

### **Trabalho de campo:**

Amanda Gomes

Ana Paula Costa

Andreia Cidade Marinho

Barbara Fontes

Beatriz Arosa

Camille Ribeiro

Carolina Canegal

Cintia Lopes

Danilo Mariano

Frank Davies

Gabriel Cid

Jonas Araújo

Lidiane Malanquini

Luciana Aguiar

Maíra Sertã

Paula Jatahy

Sandra Regina Cabral

Tatiana Guimarães

Veronica Tomsic

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à F. Ford pelo apoio financeiro ao CESeC, assim como à Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, particularmente ao Coronel Robson Rodrigues, ao Coronel Rogério Seabra e ao Tenente Caio Pesqueira, que nos franquearam o acesso aos dados e nos apoiaram na realização do trabalho de campo.

Da mesma forma, somos gratos aos comandantes de todas as UPPs onde foi feita a pesquisa, os quais ofereceram o suporte necessário para a realização das entrevistas. Além disso, gostaríamos de agradecer também a todos os policiais que se dispuseram a responder ao questionário que serviu de base à pesquisa.

Agradecemos, finalmente, ao Professor Candido Mendes, reitor da UCAM e à professora Maria Isabel Mendes de Almeida, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UCAM, pelo apoio institucional irrestrito que sempre deram ao CESeC.

## Sumário

I.	INTRODUÇÃO.....	3
II.	RECURSOS METODOLÓGICOS.....	6
	Cálculo amostral.....	6
	Seleção dos indivíduos .....	7
	Verificação dos questionários .....	7
	Análises estatísticas.....	7
	Análise fatorial .....	8
	Análise de conglomerados .....	8
	Testes de significância.....	8
III.	ANTECEDENTES DAS UPPs .....	9
IV.	PERFIL DOS POLICIAIS ENTREVISTADOS.....	10
	Sexo .....	10
	Idade.....	10
	Escolaridade .....	11
	Renda .....	11
	Cor .....	12
	Tempo na PM .....	12
	Planos de carreira.....	12
V.	PERCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO RECEBIDA .....	13
VI.	PERCEPÇÕES DOS POLICIAIS SOBRE AS UPPs .....	16
	Atribuições .....	16
	Satisfação no trabalho.....	17
	Visão da UPP .....	19
	Graus de identificação dos policiais com a UPP.....	21
VII.	CONDIÇÕES DE TRABALHO E ATIVIDADE POLICIAL .....	28
	Avaliações.....	29
	Atividades.....	33
VIII.	RELAÇÕES COM A COMUNIDADE.....	37
IX.	RESULTADOS COMPARATIVOS .....	40
X.	CONCLUSÃO.....	42
	BIBLIOGRAFIA .....	47

## I. INTRODUÇÃO

No final de 2010, o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), da Universidade Candido Mendes, iniciou uma pesquisa amostral com o propósito de acompanhar o processo de implantação e de consolidação das UPPs no Rio de Janeiro. Naquele momento, a UPP mais antiga completava dois anos e o projeto, visto ainda como uma novidade, se resumia a nove unidades em funcionamento (Santa Marta, Cantagalo e Pavão Pavãozinho, Borel, Cidade de Deus, Providência, Formiga, Batan, Chapeu Mangueira e Babilônia, Tabajaras). Em 2011 foram apresentados os resultados dessa primeira fase, resultante da análise dos questionários respondidos por 359 policiais, que formavam uma amostra representativa do conjunto das UPPs então existentes.

Um ano depois, quando o CESeC iniciou a segunda etapa do trabalho, tinham sido criadas 9 novas Unidades de Polícia Pacificadora, que foram, então, incorporadas à pesquisa (Vidigal, Mangueira/Tuiuti, Prazeres/Escondidinho, Coroa/Fallet/Fogueteiro, São João/Matriz/Quieto, Macacos, Turano, Salgueiro e Andaraí) e uma das antigas, a Cidade de Deus, fora desmembrada em três subunidades (Caratê, Quadra e Apartamentos). O aumento do contingente policial total das UPPs, de 1.472 para 3.466 entre o primeiro e o segundo ano da pesquisa, exigiu, tal como detalhado no item metodológico, adiante, a expansão da amostra para 420 entrevistados. O que levou o CESeC a realizar uma pesquisa de acompanhamento foi o pressuposto de que o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora, embora obedecendo ao princípio do policiamento de proximidade, não representa um programa com formato acabado e definitivo, mas, antes, um processo dinâmico que, como qualquer processo, envolve disputas e tensões, e cujos resultados dependem tanto de seu desenho original, quanto da interação dos múltiplos atores envolvidos ao longo do tempo.

Como consequência do interesse que as UPPs despertaram na esfera acadêmica e nas organizações sociais, várias pesquisas se dedicaram aos impactos desse projeto na vida dos moradores das comunidades nas quais ele tinha sido implantado. Em 2010, A Firjan, em parceria com o Iets, elaborou o perfil sócioeconômico e um diagnóstico das necessidades e demandas da população de nove favelas com UPPs (Firjan, 2010); entre 2010 e 2011, o Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip), em parceria com a Unirio, pesquisou três comunidades, observando as percepções dos moradores sobre os impactos das UPPs (Cecip, 2011); também em 2011, a Fundação Getúlio Vargas entrevistou moradores das comunidades do Cantagalo e do Vidigal, para mapear a percepção, os hábitos e as atitudes com relação à

posse e ao exercício de direitos nesses territórios (FGV, 2011). Em 2012, o Instituto Brasileiro de Pesquisas Sociais - IBPS analisou as percepções sobre as UPPs, entrevistando 1.200 moradores de favelas no município do Rio de Janeiro, metade dos quais em áreas contempladas por UPPs (IBPS, 2012). Além desses estudos, cujos principais resultados estão indicados resumidamente na conclusão deste texto, vários autores fizeram avaliações das UPPs com base em dados qualitativos, como Machado da Silva, L.A. (2010), Souza e Silva, J. (2011); Vieira da Cunha, N. E Mello, M.A. (2011); Cano, Borges e Ribeiro (2012); Fleury, S. (2012).

Como já assinalado no primeiro relatório da pesquisa<sup>1</sup>, o CESeC procurou complementar esse panorama, debruçando-se sobre as percepções dos policiais que realizam o trabalho de ponta, uma vez que, em boa parte, os resultados desse modelo de política de segurança dependem diretamente da participação deles. Não só de como eles atuam, cotidianamente, em maior ou menor sintonia com os princípios que norteiam as UPPs, mas também de suas percepções e avaliações sobre o que estão fazendo. Buscou-se, assim, com base em uma amostra representativa do conjunto dos policiais, conhecer o perfil desses agentes, a visão que eles expressam sobre a formação recebida, sobre as condições de trabalho, sobre a relação com os moradores, sobre os níveis de satisfação com a atividade exercida e suas expectativas e projetos como policiais.

O que se pretendeu, de um lado, foi produzir um espaço de escuta para uma população de agentes da Lei, cujas visões, aspirações, demandas e sugestões são pouco conhecidas, embora tenham influência direta no sucesso ou no fracasso da experiência. De outro lado, esperava-se, a partir dessa escuta, captar as transformações pelas quais o projeto passa: suas adaptações, suas correções de rota ou até eventuais distorções em relação aos conceitos fundamentais que o originaram. Para isso, buscou-se reaplicar, em 2012, com algumas adaptações, o mesmo instrumento de pesquisa utilizado em 2010, de forma a produzir, a partir dos resultados dos dois anos, um cenário mais dinâmico e detalhado.

Evidentemente, a pesquisa não tem nem poderia ter a pretensão de avaliar as UPPs a partir de apenas um de seus elementos, que é a percepção dos policiais, expressa em contexto de entrevista. Trata-se, antes, de trazer à luz novos elementos que ajudem a configurar um panorama mais complexo sobre o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora. Em outras

---

<sup>1</sup> O relatório de 2011 está disponível no site da instituição (<http://www.ucamcesec.com.br/projeto/unidades-de-policia-pacificadora-o-que-pensam-os-policiais/>).

palavras, a pesquisa se propõe a revelar dificuldades e potencialidades que podem favorecer ou comprometer a consecução dos propósitos que sustentam o programa das UPPs.

Os resultados encontram-se expostos, neste relatório, em cinco blocos: 1) o perfil dos policiais das UPPs; 2) suas avaliações sobre a formação recebida; 3) suas percepções sobre o projeto das UPPs; 4) suas avaliações das condições de trabalho nas UPPs e os modos de atuação predominantes e 5) a forma como percebem a relação com a comunidade.

Tal como exposto abaixo, no item relativo à metodologia da pesquisa, o trabalho tem como base uma amostra dos policiais de todas as UPPs existentes a partir do momento em que esta segunda fase da pesquisa foi iniciada. Além disso, para que fosse possível captar, em alguma medida, a diversidade de situações e contextos que caracteriza o conjunto do projeto da polícia pacificadora, foram selecionadas, em função de suas semelhanças e diferenças, quatro unidades, onde o questionário foi aplicado a todo o efetivo da UPP local. As unidades foram escolhidas, basicamente, em função de dois critérios: os resultados obtidos em 2010, no que diz respeito aos avanços e dificuldades reveladas, e o fato de já existirem ou não no primeiro ano da pesquisa. Assim, foram recenseadas as seguintes UPPs: entre as que já estavam instaladas em 2010, Caratê (Cidade de Deus), na Zona Oeste, e Chapéu Mangueira/Babilônia, em área nobre da Zona Sul da cidade; entre as inauguradas posteriormente, Salgueiro e Turano, ambas na Tijuca, bairro de classe média da Zona Norte, porém com dimensões populacionais muito distintas. Sempre que pertinente, os dados relativos a esses quatro levantamentos censitários serão apresentados ao final de cada tópico ou capítulo. Como se trata de apenas quatro UPPs em meio ao conjunto das 20 unidades que compuseram a amostra, os dados censitários não são, em si mesmos, estatisticamente representativos das diferenças entre UPPs, mas são, de forma bastante contundente, ilustrativos da grande diversidade que conforma esse conjunto. Evidentemente, para compreender as razões das diferenças entre as UPPs, seria necessária uma pesquisa qualitativa, reunindo avaliações e explicações sugeridas por policiais de diferentes patentes, dados secundários sobre cada favela e, sobretudo, um trabalho de natureza etnográfica, que captasse, em ato, os contrastes e semelhanças nas interações cotidianas dos policiais entre si e com a população de cada uma das comunidades. Neste texto, os resultados das unidades recenseadas, buscam, preliminarmente, ilustrar a magnitude das variações e as afinidades mais recorrentes entre as quatro unidades.

## II. RECURSOS METODOLÓGICOS

### Cálculo amostral

A amostra de policiais da pesquisa foi calculada de forma a ser representativa do universo das 20 UPPs. Como a população é finita e a variável que serviu de base foi a de “satisfação com o trabalho”<sup>2</sup>, para obter o número de policiais necessários foi utilizada a seguinte fórmula:

$$n = \frac{\frac{z^2 P(1-P)}{d^2}}{1 + \frac{1}{N} \left( \frac{z^2 P(1-P)}{d^2} - 1 \right)}$$

Trabalhou-se com uma margem de 4,5% de erro (o mesmo do ano anterior) e nível de confiança de 95%. Como não seria possível afirmar previamente um valor aproximado para o grau de satisfação dos policiais, admitiu-se que  $P = 0,5$ , já que dessa forma se teria o maior (e mais seguro) tamanho de amostra possível<sup>3</sup> para estimar a proporção dos policiais, na população, satisfeitos com o trabalho. Considerando-se o efetivo total de 3.466 policiais lotados nas UPPs, no início da segunda etapa da pesquisa, o resultado obtido para o tamanho da amostra foi de 418 agentes (arredondado para 420), distribuídos da seguinte forma:

#### Efetivos e quantidade de entrevistados em cada UPP

UPP	Efetivo	Fração	N
ANDARAÍ	213	0,06	26
BATAN	99	0,03	12
BOREL	275	0,08	33
CDD APARTAMENTOS	101	0,03	12
CDD CARATÊ	93	0,03	11
CDD QUADRAS	129	0,04	16
CHAPÉU MANGUEIRA	94	0,03	11
COROA	201	0,06	24
FORMIGA	106	0,03	13
MACACOS	208	0,06	24
MANGUEIRA-TUIUTI	395	0,11	48
PAVÃO PAVÃOZINHO	187	0,05	23
PRAZERES-ESCONDIDINHO	178	0,05	22
PROVIDÊNCIA	202	0,06	25
SALGUEIRO	135	0,04	16
SANTA MARTA	97	0,03	12
SÃO CARLOS	247	0,07	30
SÃO JOÃO	189	0,05	23
TABAJARAS-CABRITOS	140	0,04	17
TURANO	177	0,05	22
<b>Total</b>	<b>3466</b>	<b>100,0</b>	<b>420</b>

<sup>2</sup> Relativa à pergunta: “Sendo um policial de UPP, como o Sr. se sente na maior parte do tempo? Satisfeito, insatisfeito ou indiferente?”

<sup>3</sup> FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de estatística - 6a. ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010. 320p. ISBN 9788522414710

### Seleção dos indivíduos

Com base na listagem dos efetivos de cada UPP enviada pela PMERJ, depois de excluídos todos aqueles que não fossem soldados ou cabos, foi feito um sorteio segundo amostragem aleatória simples para escolha dos policiais que comporiam a amostra. Foi definido em cada unidade um número de policiais relativo à fração de seu efetivo no conjunto global das UPPs. Desta forma garantiu-se que policiais de todas as UPPs fossem entrevistados.

Para complementar a análise com dados diferenciados por UPPs, como já mencionado, foi realizada uma pesquisa censitária em quatro unidades: Turano, CDD-Caratê, Chapéu Mangueira/Babilônia e Salgueiro. Nesses casos, todos os policiais foram entrevistados e, posteriormente, sortearam-se as entrevistas que deveriam ser consideradas na amostra, também por amostragem aleatória simples.

<b>PESQUISA CENSITÁRIA</b>	<b>Efetivo (n)</b>
Chapéu Mangueira	86
Turano	138
Salgueiro	118
CDD-Caratê	65
<b>Total</b>	<b>407</b>

### Verificação dos questionários

Uma vez que a análise de uma amostra aleatória de 10% dos questionários revelou erros de digitação e interpretações dos digitadores, todos os questionários foram revistos e corrigidos no banco de dados. Este processo, que resultou na eliminação de oito questionários do Caratê, permitiu que se trabalhasse com uma base final altamente confiável.

### Análises estatísticas

Concomitantemente às tabelas e gráficos relativos à amostra de 2012, comparada à de 2010, foram analisados os níveis de identificação dos policiais ao projeto das UPPs, agregando-os em cinco grupos, definidos em função da coincidência de respostas dadas a cinco diferentes variáveis.

O modelo foi montado, inicialmente, de forma rígida para localizar os policiais totalmente identificados ou totalmente resistentes ao projeto. Em um segundo momento, o cálculo foi flexibilizado para que os policiais que apresentassem níveis intermediários de identificação ou resistência pudessem ser incorporados.

Desse modelo quase artesanal, feito através de sucessivas eliminações dos grupos cujas respostas não eram coincidentes, resultou um número muito grande de policiais neutros/ambíguos (cerca de 50%), sobre os quais pouco se poderia afirmar. Em função disso, procurou-se aprofundar o plano de observação, através da técnica de análise fatorial.

### **Análise fatorial**

Para compor o fator aqui chamado de “identificação com a UPP”, foram utilizadas as mesmas variáveis do modelo anterior, expurgando-se, contudo, a variável derivada de pergunta aberta e, portanto, com muitos *missings* (casos faltantes). Para compreender melhor de que forma o fator “identificação” era afetado pelas outras respostas, ele foi tratado como variável dependente num modelo de regressão, com base no qual foram testadas as demais questões do questionário (que se revelaram correlacionadas) como variáveis independentes.

Para reduzir o número de variáveis independentes e possibilitar a composição de novos fatores, a análise fatorial foi aplicada também a outros grupos de variáveis, resultando em dois novos fatores: “avaliação da formação” e “avaliação das condições (físicas) de trabalho”.

### **Análise de conglomerados**

Uma vez criados os fatores, utilizou-se o método *K-Means* para dividir a amostra em grupos, através de algoritmos que geraram automaticamente uma gradação semelhante à que havia sido feita manualmente na primeira etapa da análise. A vantagem, nesse caso, é que a distinção entre os grupos pode ser feita de maneira objetiva com base na “distância” entre os indivíduos, abrindo-se dessa forma espaço para o suporte matemático dos resultados.

### **Testes de significância**

Todos os cruzamentos de dados mencionados ao longo do texto foram submetidos aos testes qui-quadrado ou ANOVA e se mostraram estatisticamente significantes.

### III. ANTECEDENTES DAS UPPs

Como já foi observado por muitos pesquisadores, as experiências de policiamento comunitário ou de proximidade não são novas no Rio de Janeiro. A primeira delas foi estabelecida no início dos anos 1990 no morro da Providência, na zona portuária, e recebeu o nome de Grupamento de Aplicação Prático-Escolar (Gape). Em seguida, foram implantados os projetos de policiamento comunitário em bairros de classe média da cidade, como Urca, Laranjeiras e Copacabana. Em 2000, o governo estadual implantou nas favelas do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, ambas em Copacabana, o primeiro Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (Gpae), replicando o modelo, em diversas comunidades fluminenses a partir de 2002.

Apesar de alguns bons resultados que todas essas experiências trouxeram, nenhuma delas sobreviveu por muito tempo. Em parte por serem iniciativas isoladas, que muitas vezes dependiam do perfil do comandante local e, em parte, porque não se constituíram como política de governo, mas como iniciativas individualizadas de alguns batalhões da Polícia Militar (PM). Faltou, portanto, o que hoje parece caracterizar as UPPs e que é condição necessária (embora não suficiente) para sua sustentabilidade: o apoio dos governadores e da secretaria de segurança, além do esforço convergente de diversas secretarias estaduais e municipais. A essas condições se somam, ainda, outros fatores também incontornáveis, mas que ainda precisam se consolidar, como a participação das populações envolvidas, mecanismos sistemáticos de monitoramento, controle e avaliação e, como este trabalho procura apontar, uma formação sólida e condições de trabalho que estimulem os policiais, não só a permanecer no projeto mas, sobretudo, a aderir às suas premissas, tanto no plano das ideias, quanto na prática policial cotidiana. Como apontam alguns dos policiais ouvidos, é preciso acrescentar a esses ingredientes investimentos sociais de diversos níveis, tal como prevê o projeto da UPP social, arquitetado originalmente no governo do estado e posteriormente deslocado para o nível municipal.

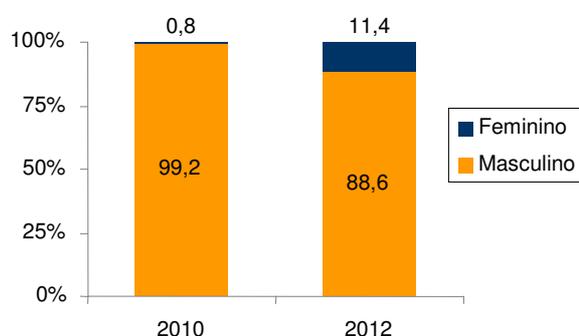
#### IV. PERFIL DOS POLICIAIS ENTREVISTADOS

Para trazer à luz certas mudanças ocorridas no último ano, os dados relativos ao perfil dos policiais serão apresentados, neste capítulo, sempre em comparação aos de 2010.

##### Sexo

Apesar de ainda representarem uma parcela muito reduzida do efetivo das UPPs (11,4%), as mulheres têm participação maior, nestas unidades, do que na Polícia Militar do estado, onde não chegam a 6% do conjunto. Entre 2010 e 2012, houve um significativo aumento de policiais femininas no projeto, como mostra o Gráfico.

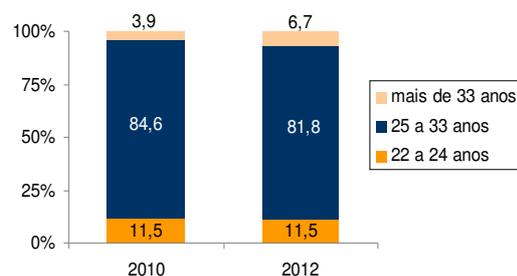
**Gráfico 1. CONTINGENTE DAS UPPs, SEGUNDO O SEXO – 2010/2012**



##### Idade

Como no levantamento de 2010, a grande maioria dos policiais se encontra na faixa de 25 a 33 anos, mas, pelo efeito cumulativo da permanência das antigas turmas nas unidades mais antigas, elevou-se ligeiramente o percentual dos que têm mais de 33 anos.

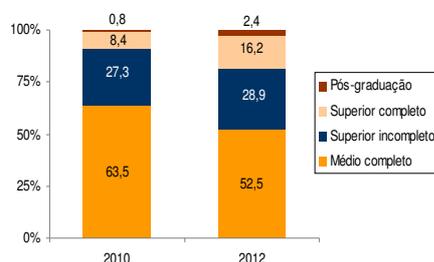
**Gráfico 2. CONTINGENTE DAS UPPs, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA 2010/2012**



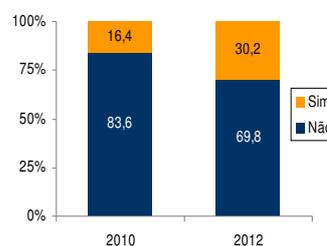
## Escolaridade

Comparativamente ao ano de 2010, verificou-se em 2012 uma elevação do percentual de policiais com curso superior completo ou incompleto (além dos que ingressaram ou completaram uma pós-graduação), o que pode explicar, em parte, o aumento da proporção de agentes que afirmaram estar estudando no período de realização das entrevistas.

**Gráfico 3. CONTINGENTE DAS UPPS, SEGUNDO A ESCOLARIDADE E SITUAÇÃO CORRENTE 2010/2012**



### Está estudando atualmente?

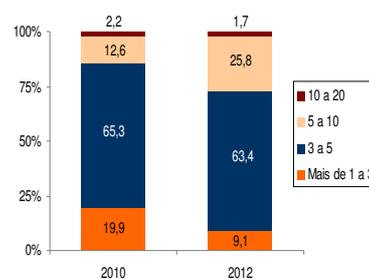


## Renda

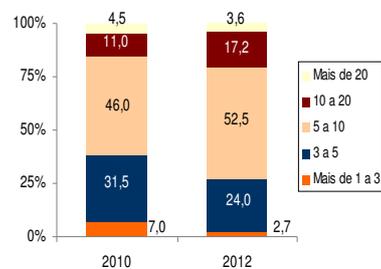
Assim como a escolaridade, a renda, individual e familiar, dos policiais das UPPs revelou-se um pouco mais alta, em 2012, como se pode ver a seguir, entre a pequena parcela que arrecada mais de 10 salários mínimos, individualmente, ou mais de 20 salários, quando se trata de renda familiar:

**Gráfico 4. CONTINGENTE DAS UPPs, SEGUNDO A RENDA PESSOAL E FAMILIAR 2010/2012 (em salários mínimos)**

### peçoal



### Familiar



## Cor

Entre os praças que compõem as UPPs, a proporção de negros e pardos é semelhante à da população: 53,4% se definiram como pardos; 28,8% como brancos e 16,6% como pretos. (na população da cidade em faixa etária semelhante, as proporções são: 37,7% pardos; 50% brancos e 12,4% pretos).

## Tempo na PM

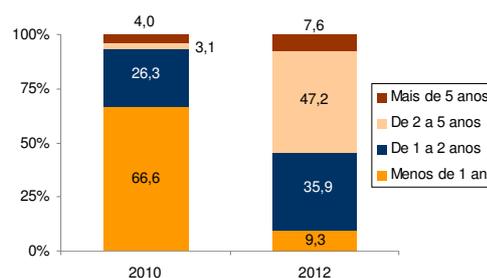
A cada novo ano, com a ampliação do quadro de UPPs na cidade, o percentual dos recém ingressos nas Unidades de Polícia Pacificadora torna-se progressivamente menor, assim como aumenta, previsivelmente, no conjunto da tropa, a proporção dos veteranos. Isso simplesmente significa que não há evasão em massa, nem crescimento exponencial do contingente, capaz de superar o acumulado dos anos anteriores precedentes. Quando observados os números relativos ao tempo de

## Planos de carreira

A maioria dos policiais das UPPs afirma o desejo de permanecer na instituição e galgar as etapas da carreira militar. Entre os que pretendem deixar a PMERJ, entretanto, uma boa parte já está se mobilizando para encontrar outras oportunidades de trabalho, fato que pode resultar na necessidade de substituição de uma parte não

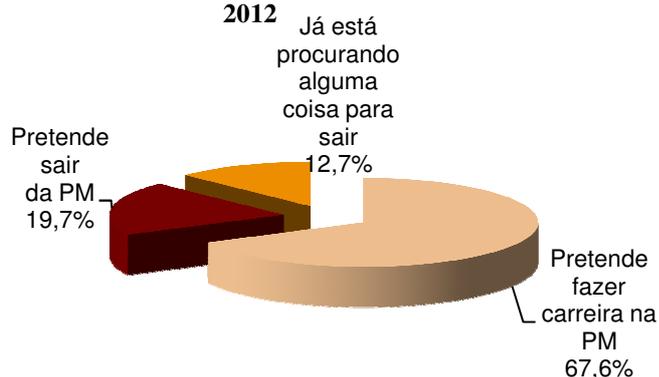
experiência em UPP, também se nota um aumento percentual dos policiais mais antigos (58% estão há mais de um ano em UPP, o que em 2010 correspondia a 27%).

**Gráfico 5. CONTINGENTE DAS UPPs, SEGUNDO O TEMPO DE PERMANÊNCIA 2010/2012**



desprezível do contingente. A comparação entre 2010 e 2012 não foi possível, nesse caso, pois a pergunta foi ligeiramente alterada, para tornar as respostas mais inteligíveis.

**Gráfico 6. CONTINGENTE DAS UPPs, SEGUNDO OS PLANOS PARA O FUTURO 2012**



## V. PERCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO RECEBIDA

Cerca de metade dos entrevistados (50,9%) consideram que a formação na PM não os preparou adequadamente para o trabalho nas UPPs. Esse número, ainda maior que o obtido em 2010 (quando apenas 37% se declararam mal preparados), não coincide exatamente com a apreciação, feita por eles, dos conteúdos ministrados durante a formação. Como mostra a tabela abaixo, a maioria avaliou positivamente o ensino de seis entre os 11 temas propostos pelos entrevistadores, enquanto três deles foram avaliados como adequados por aproximadamente metade do contingente. Os conteúdos de “violência doméstica” e “armamento menos letal” foram considerados inadequados ou inexistentes, por mais da metade dos agentes.

**Tabela 1. CONTEÚDOS ENSINADOS DE MANEIRA ADEQUADA, SEGUNDO OS POLICIAIS – 2010 /2012**

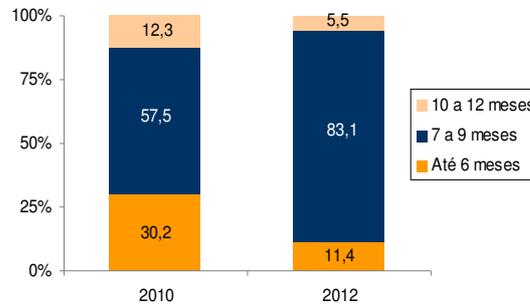
	2010	2012	Diferença (%)
Uso gradual da força	80,0	79,4	-0,8
Técnicas de abordagem	77,6	77,2	-0,5
Direitos humanos	70,8	72,3	2,1
Defesa pessoal	70,1	64,9	-7,4
Treinamento de tiro	52,5	64,9	23,7
Policciamento comunitário	81,5	64,2	-21,2
Relacionamento com o público	53,5	52,5	-1,8
Mediação de conflitos	45,8	50,1	9,4
Prática de policiamento cotidiano em favela*	-	46,3	-
Violência doméstica	37,1	37,0	-0,2
Armamento menos letal	37,7	33,6	-10,9
Ética*	86,0	-	-

(\*) Itens não incluídos nas duas pesquisas

No intervalo de pouco mais de um ano, as variações percentuais foram pequenas na avaliação da maior parte dos itens (praticamente todas no intervalo da margem de erro). Porém, duas exceções chamam a atenção: a queda acentuada, em 2012, do número de policiais que avaliaram o ensino de “policiamento comunitário” como adequado (-17,3%) e, inversamente, o aumento da parcela dos que avaliaram positivamente o “treinamento de tiro (+12,4 %)”. Essa variação tanto pode indicar uma mudança de ênfase nos itens do treinamento oferecido pela PM, quanto uma mudança de percepção e de expectativas por parte dos policiais.

Entre 2010 e 2012, pelo que indicam os entrevistados, o tempo médio de formação foi ligeiramente ampliado, tendo aumentado, significativamente, a proporção dos que passaram de sete a nove meses em processo de treinamento, como revela a figura abaixo.

**Gráfico 7. DURAÇÃO DO CURSO PARA ENTRADA NA PM – 2010/2012**



Nas 11 novas unidades (inauguradas depois de concluída a primeira fase da pesquisa), a proporção dos policiais que receberam uma formação mais prolongada (89,4%) é maior do que nas UPPs mais antigas (75,1%) que reúnem mais policiais formados em até 6 meses.

Embora tenha aumentado a proporção de policiais formados em mais tempo, o acréscimo de alguns meses não se revelou capaz de interferir na apreciação sobre o sentimento de estar ou não bem preparado para o trabalho na UPP. Esse dado sugere que a chave para a percepção de um melhor preparo não está no tempo de formação (ao menos, quando a diferença é de curtos períodos) mas, provavelmente, em outros fatores como o conteúdo das matérias, o peso relativo das disciplinas preparatórias para o policiamento de proximidade, o ambiente institucional e a metodologia de ensino.

- Entre as unidades em que foi ouvido todo o universo dos policiais, as diferenças seguem o mesmo padrão da média geral: No Chapéu Mangueira/Babilônia<sup>4</sup> e no Caratê, as duas UPPs mais antigas, os que levaram de 7 a 9 meses em formação correspondem a menos de 70% do conjunto, enquanto nas duas UPPs mais novas, Turano e Salgueiro, essa parcela representa cerca de 90% do contingente.
- Por outro lado, o percentual dos que levaram mais de 10 meses em treinamento é próximo de 30% nas duas mais antigas e não chega a 3% nas duas mais recentes.

<sup>4</sup> Doravante, identificada apenas como Chapéu Mangueira.

O alto número de policiais se dizendo mal preparados pode estar sinalizando a contradição entre uma formação geral, ainda pautada no paradigma militar tradicional, e o modelo de ação que o policiamento comunitário ou de proximidade requer. O que os entrevistados parecem dizer com essas e com outras respostas que serão analisadas adiante é que um trabalho que depende fundamentalmente do diálogo com a população dificilmente se sustenta sem uma formação capaz de desconstruir o imaginário da polícia como uma força prioritariamente voltada para o combate. Essa dissintonia não escapa à cúpula da segurança pública, que busca a mudança de paradigma pela criação de um banco de talentos para contratar professores de fora da PMERJ. O próprio secretário estadual, Mariano Beltrame definindo a instalação das UPPs como um “processo de pacificação”, afirma na página da Polícia Militar:

“Preparava-se o policial muito mais voltado para situações de confronto, para a entrada em favelas que normalmente são traumáticas. Como estamos num processo de pacificação, que já vem de três anos, temos de reverter esta lógica. Precisamos fazer que um policial saia do paradigma da guerra e venha para o paradigma da prestação de serviços.”(<http://concursopmerj2010.forum-livre.com/t3336-pmerj-inicia-hoje-novo-modelo-de-formacao-de-pracas>)

Resta saber, contudo, se o simples fato de alterar o currículo ou incluir professores não militares, sem alterar a cultura institucional em que é imerso o agente durante a formação, será suficiente para formar o novo policial que as UPPs demandam.

- As unidades recenseadas ilustram bem, com seus resultados discrepantes, a diversidade que caracteriza as UPPs: enquanto no Chapéu Mangueira a proporção de policiais que se considera bem preparada é de 68,6%, no Caratê ela é de 34,4%.
- Salgueiro e Turano se mantiveram na média geral

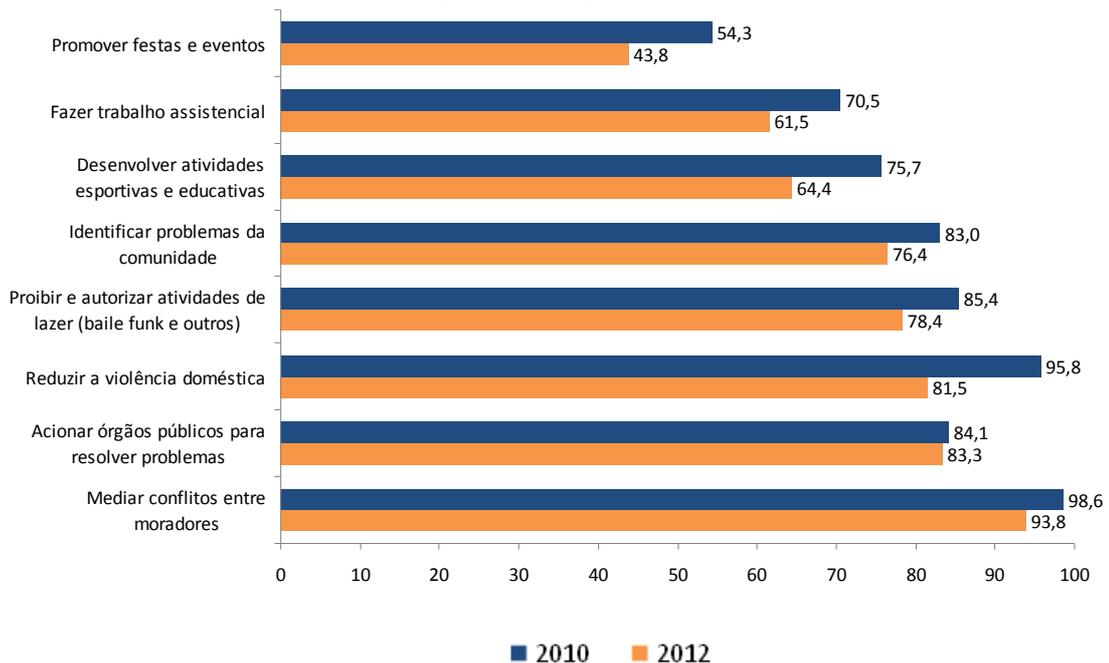
## VI. PERCEPÇÕES DOS POLICIAIS SOBRE AS UPPs

### Atribuições

Apesar de se dizerem pouco preparados para o trabalho na UPP, a maioria absoluta dos policiais reconhece como sua atribuição atividades normalmente associadas ao policiamento comunitário ou de proximidade, como mediar conflitos, reduzir a violência doméstica, acionar órgãos públicos e identificar problemas na comunidade.

Por outro lado, é igualmente alto o percentual (85,4%) dos que acham que cabe ao policial de UPP a função de proibir e autorizar atividades de lazer na comunidade o que, como mostra o noticiário recente, tem sido motivo de conflitos e tensões entre eles e parte dos moradores, que percebem nessa interferência policial uma supressão de direitos e um tratamento discriminatório em relação à população dos outros territórios da cidade<sup>5</sup>.

**Gráfico 8. ATRIBUIÇÕES DOS POLICIAIS DE UPP, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS – 2010/2012**



Essas percepções que misturam atividades potencialmente geradoras de parcerias entre polícia e moradores com outras que reforçam a histórica hostilidade na relação entre policiais e jovens de favelas refletem certos riscos estruturais do projeto. Em primeiro lugar, o vácuo deixado, com o fim do controle territorial dos traficantes, de normas coletivamente definidas

<sup>5</sup> Para uma análise do papel das UPPs na definição e manutenção das normas coletivas, no interior das favelas, ver Cano, Borges e Ribeiro (2012).

acerca do que é e do que não é aceitável no convívio comunitário<sup>6</sup>. Nesse contexto, em unidades onde, por diversos motivos, a polícia não conseguiu estabelecer um diálogo construtivo com a comunidade, seu papel de garantir o cumprimento de normas e leis preexistentes acaba se confundindo com a licença para formular e impor regras de convivência, o que, no limite, poderia transformar a UPP nos novos “donos do morro”, como sugerem Cano, Borges e Ribeiro (2012)<sup>7</sup>.

Adiante, no capítulo que trata da relação dos policiais com a comunidade, essas tensões serão abordadas com maior detalhamento. Por ora, o que importa destacar é o fato de ter diminuído a quantidade de entrevistados que identificam as atividades listadas no gráfico acima como sendo atribuições de um policial de UPP. Uma das hipóteses para isso é que a incidência do tráfico de drogas, cuja percepção aumentou consideravelmente em 2012, assim como a ocorrência, até então inédita, de alguns conflitos graves entre moradores e policiais, tenha interferido na definição das prioridades e na percepção dos limites e possibilidades do modelo de policiamento proximidade.

### Satisfação no trabalho

Cerca de um quarto do efetivo (26%) se diz insatisfeito, na maior parte do tempo, enquanto policial de UPP. Outros 27,4% se declaram indiferentes quanto à satisfação e quase metade (46,2%) afirma estar satisfeita nessa condição. Como indicam os gráficos a seguir, as razões ligadas à satisfação ou à insatisfação são bastante variadas e combinam apreciações sobre as UPPs com preferências e motivações pessoais.

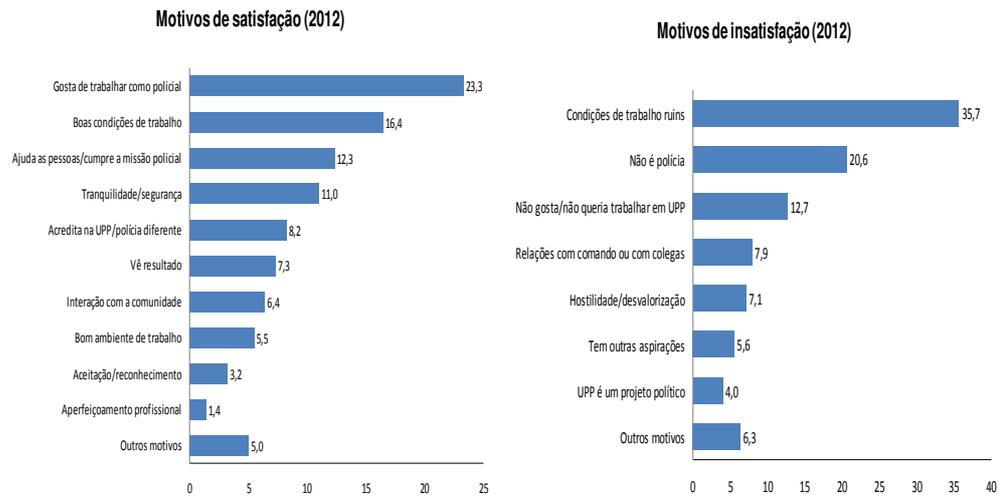
Entre os que se dizem satisfeitos, por exemplo, mais de um terço (34,2%) atribui esse sentimento a fatores ligados ao policiamento de proximidade (ajudar pessoas, acreditar na UPP, estar em uma polícia diferente, ver resultado no projeto e interagir com a comunidade). Os demais (23,3%) mencionam o gosto pelo trabalho policial (não necessariamente na UPP), questões ligadas à condição de trabalho (16,4%) e outras causas variadas (26,1%).

Já entre os motivos de insatisfação destacam-se a condições de trabalho (35,7%), à ideia de não se sentir como policial (20,7%) e, em menor escala, de não gostar ou não querer estar na UPP (12,7%).

<sup>6</sup> Esse é um dos problemas que o programa UPP Social se propõe a enfrentar, com sua ideia-força de promover diálogos e estabelecer pontes entre diferentes atores

<sup>7</sup> Cano, Borges e Ribeiro (2012) chamam a atenção para esse risco e mostram a importância de se incorporar as estruturas de representação das favelas na construção dos modelos regulatórios, de modo a reduzir a tendência ao controle autoritário por parte dos policiais.

**Gráfico 9. MOTIVOS DE SATISFAÇÃO E DE INSATISFAÇÃO**

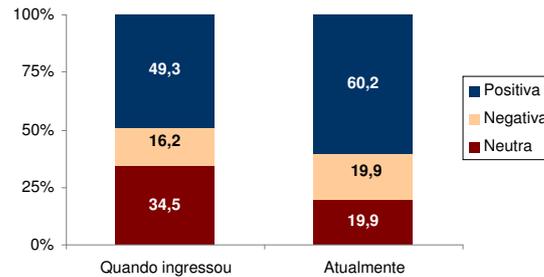


- Entre as unidades em que foi feito o censo, as variações são, mais uma vez, expressivas das diferenças entre UPPs: Chapéu Mangueira e Salgueiro se aproximam, por um lado, com 57,6% e 53,8% dos policiais satisfeitos, e Turano e Caratê se assemelham, de outro, com apenas 35% e 35,4% respectivamente.
- Mesmo que a amostra não tenha sido estratificada por sexo e o número de mulheres na amostra seja muito reduzido (46 indivíduos), as efetivas diferenças nas respostas femininas e masculinas ajudam a sinalizar caminhos a explorar. A parcela dos que se dizem satisfeitos, por exemplo, é expressivamente maior entre as mulheres (67,4%) do que entre os homens (43,8%).

## Visão da UPP

Se não chega à metade o percentual de policiais que se declaram satisfeitos na maior parte do tempo, a maioria do efetivo afirma ter uma opinião positiva sobre as UPPs (60,2%) e, tal como indicado na figura a seguir, mais positiva na ocasião da pesquisa, do que ao iniciar o trabalho.

**Gráfico 10. OPINIÃO DOS POLICIAIS SOBRE A UPP - 2012**



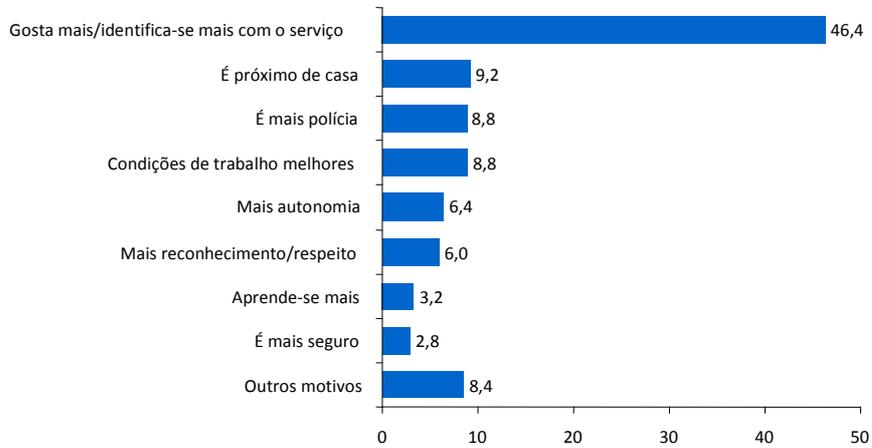
Apesar de somente 20% dos entrevistados na amostra manifestarem uma opinião negativa a respeito do projeto, mais da metade (59,9%) relata que preferiria estar trabalhando em outra unidade da PM, que não uma UPP. Os motivos para isso são também variados, combinando elementos de diversas ordens: o que prevalece, como se pode ver no gráfico 11, é a identificação com os modelos tradicionais de policiamento (gosta mais/identifica-se com o serviço, “é mais policia” e teria mais autonomia<sup>8</sup>), reportada por 61,6 % deste sub-grupo de policiais. Em seguida, mencionam-se questões práticas (mais perto de casa) e outras relacionadas a condições de trabalho materiais e imateriais (reconhecimento, segurança etc.).

Entre as UPPs recenseadas, os resultados, mais uma vez, aproximam Chapéu Mangueira e Salgueiro, de um lado, com visão positiva sobre as UPPs manifestada por 73,3% e 75,2% , respectivamente e Turano e Caratê, de outro, com 50,4% e 45,3% dos policiais se posicionando no mesmo sentido.

<sup>8</sup> Esse último foi agregado à categoria de identificação com o modelo tradicional, por estar mais próximo dessa ideia, embora o significado das múltiplas respostas (nesse caso abertas) agregadas sob o título “mais autonomia” fossem mais diferenciados. Em alguns casos parecendo referirem-se à uma menor vigilância por parte dos superiores (“menos hierarquia repressora”) e, em outros, nem sempre na mesma direção, à liberdade para agir de forma mais truculenta (“mais liberdade para trabalhar” e “sem frescura”).

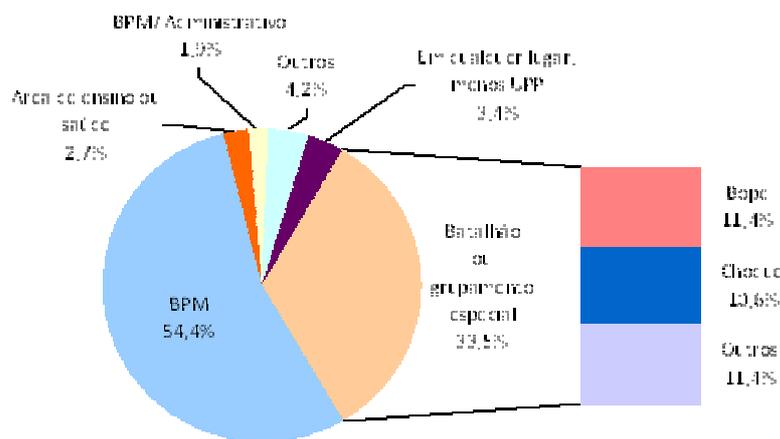
Em suma, mais de um terço de todo o contingente das UPPs (36,6%) admite que preferiria estar fora da UPP por identificar-se com o modelo tradicional de policiamento.

**Gráfico 11. MOTIVOS PELOS QUAIS OS POLICIAIS PREFERIRIAM ESTAR EM OUTRA UNIDADE QUE NÃO A UPP – 2012**



A maioria dos que almejam uma outra posição na PMERJ gostaria de estar em batalhões tradicionais, ou em batalhões e grupamentos especiais.

**Gráfico 12. UNIDADES DA PM, AONDE OS POLICIAIS GOSTARIAM DE ESTAR – 2012 -**



A vontade de mudar de unidade é particularmente acentuada entre os policiais que estão em contato cotidiano e direto com a população ou que atuam em situações de crise: os que fazem ronda a pé (72,7%), estão em ponto fixo (60%) ou no GAT (63%), na maior parte do tempo. Não surpreende, portanto, que a satisfação seja mais frequente entre as mulheres, já que um quarto do contingente feminino está situado no setor administrativo, enquanto os homens desempenham essa atividade-meio apenas na proporção de 5,4%.

Como se poderia esperar, entre os policiais que se dizem insatisfeitos a maioria absoluta gostaria de estar fora da UPP (91,4%). Todavia, quase um terço (27%) dos que manifestam esse desejo de mudar de unidade se declaram satisfeitos na maior parte do tempo, o que reforça a percepção de que tanto a satisfação quanto o desejo de deixar as UPPs envolvem uma mescla de elementos pessoais e circunstanciais que vão além da afinidade ou da discordância dos policiais em relação ao projeto.

Os policiais insatisfeitos que gostariam de estar fora da UPP correspondem a 25% do efetivo total.

### Graus de identificação dos policiais com a UPP

Para compreender melhor os limites e as possibilidades do capital humano das UPPs, buscou-se distribuir o contingente de policiais segundo os níveis de afinidade ou de resistência que eles expressam em relação ao projeto. Selecionaram-se, para isso, cinco questões cujas respostas pudessem ser transformadas em variáveis binárias, capazes de indicar, sem ambiguidades, as avaliações ou os sentimentos dos agentes em relação à UPP<sup>9</sup>

- Dos que prefeririam estar fora da UPP, a maioria (64%) se encontra nas novas unidades, inauguradas depois de 2010.
- Entre as UPPs que receberam tratamento censitário, essa proporção é maior no Turano, onde 78,3% manifestam o desejo de estar fora da UPP. No Chapéu Mangueira, Salgueiro e Caratê, o percentual não difere do conjunto, situando-se na faixa dos 58 a 59%.
- A proporção de mulheres que gostaria de estar em outra unidade é simétrica inversa à masculina: 65,2% delas preferem continuar trabalhando no projeto.

<sup>9</sup> Duas das cinco perguntas admitiam respostas como “indiferente” ou “neutro”. Porém, essas alternativas intermediárias foram expurgadas, num primeiro momento, para permitir a configuração dos grupos ‘puros’, cujas respostas fossem exatamente contrapostas (simétricas e inversas).

Com base em múltiplas combinações dessas respostas, foi possível distribuir os entrevistados em conglomerados que vão da máxima aderência ao projeto até a completa repulsa. Quatro dessas questões, tal como indicado abaixo, eram estimuladas e uma delas aberta e espontânea:

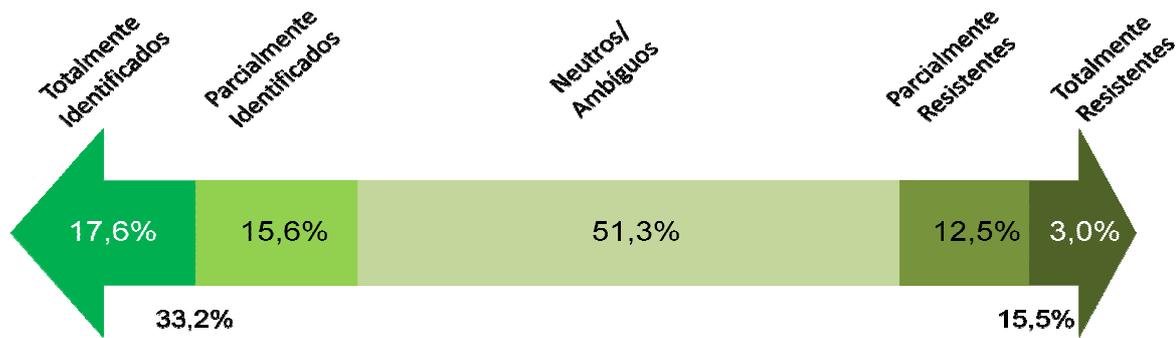
- I. Sendo um policial de UPP, como o(a) Sr(a). se sente na maior parte do tempo?
- II. O(a) Sr(a). concorda ou discorda da afirmação: “UPP é a polícia do futuro”?
- III. Atualmente, (...) sua opinião sobre o projeto é positiva, negativa ou neutra?
- IV. O(A) Sr(a). preferiria estar trabalhando em outro tipo de policiamento, fora da UPP?
- V. Se o(a) Sr(a). fosse o Governador, qual a primeira medida que o(a) Sr(a). tomaria em relação às UPPs? (aberta)

Organizando as informações em uma linha contínua e graduada, os dois extremos reúnem policiais que responderam a todas as cinco questões da mesma forma, na direção da máxima afinidade ou da máxima resistência. Assim, um primeiro grupo agregou os agentes que se declararam satisfeitos na maior parte do tempo, que têm uma opinião positiva sobre as UPPs, não as extinguiriam se tivessem poder para isso, nem gostariam de sair da UPP, além de concordarem com a ideia de que ela é a polícia do futuro. Esse grupo, que expressaria adesão total à proposta, corresponde a 17,6% da amostra, enquanto o grupo simétrico e inverso a este corresponderia aos 3% do efetivo que demonstram completa aversão às UPPs: concentra os policiais que sentem-se insatisfeitos na maior parte do tempo, têm opinião negativa sobre as UPPs, acabariam com elas se pudessem, gostariam de sair da UPP e discordam da ideia de que ela é a polícia do futuro. Para os propósitos dessa política são o que se poderia chamar, em termos de recursos humanos, de “casos perdidos”.

Entre esses dois extremos reside a maior parte de policiais (80%), os quais, embora de forma menos radical, também se diferenciam uns dos outros em função de sua maior ou menor afinidade com o projeto. Essa grande parcela subdividiu-se, então, em três novos grupos: os que pendem na direção da afinidade, os que pendem na direção da repulsa e, no meio deles, os que expressam, acima de tudo, ambiguidade ou neutralidade. Enquanto o critério para a delimitação dos dois primeiros blocos de policiais foi a perfeita coincidência das cinco respostas, num ou noutro sentido, nos dois novos conjuntos essa medida foi ligeiramente flexibilizada, para contemplar os policiais que responderam, simultaneamente, a pelo menos três perguntas, indicativas de identificação ou de rejeição à UPP. Finalmente, um quinto e último grupo agregou os entrevistados que se declararam neutros ou indiferentes quanto à satisfação ou à opinião sobre as UPPs e aqueles que combinaram de tal forma respostas contraditórias que não há como lhes atribuir qualquer pendor.

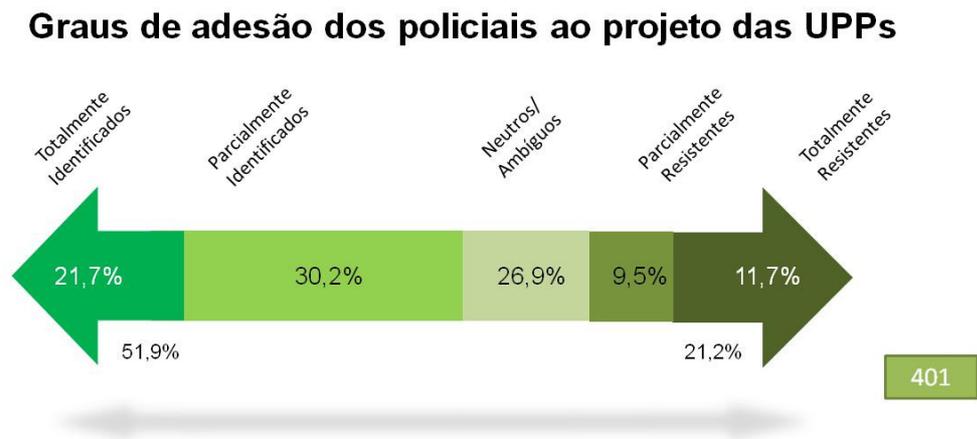
Assim, o efetivo total das UPPs foi distribuído com base em cinco graus de aderência ou repulsa ao projeto, definidos conforme a figura abaixo:

**Figura 1. GRAUS DE IDENTIFICAÇÃO DOS POLICIAIS AO PROJETO DAS UPPs**



O problema desse modelo, a partir do qual se buscou, de forma quase artesanal, correlacionar as cinco variáveis que o conformam, é que uma parcela muito extensa de casos, identificados como neutros ou ambíguos, continua indecifrável. Portanto, para validar estatisticamente essa operação, e melhorar o entendimento dos níveis de identificação dos agentes, procedeu-se a uma análise fatorial, que confirmou a forte correlação entre as variáveis utilizadas no modelo acima e permitiu a criação de um fator aqui designado como “identificação”. Esse passo exigiu, entretanto, que uma das variáveis utilizadas no modelo anterior (a questão: *qual a primeira medida que tomaria se fosse governador*), por ser proveniente de uma pergunta aberta, fosse expurgada para eliminar o excesso de respostas em branco que esse tipo de pergunta costuma produzir. Com isso, o número de casos considerados foi reduzido de 420 para 401. Uma vez consolidado o fator “identificação” realizou-se, então, uma análise de conglomerados, que gerou uma distribuição mais refinada dos grupos de maior ou menor identificação ao projeto, como ilustra a figura a seguir:

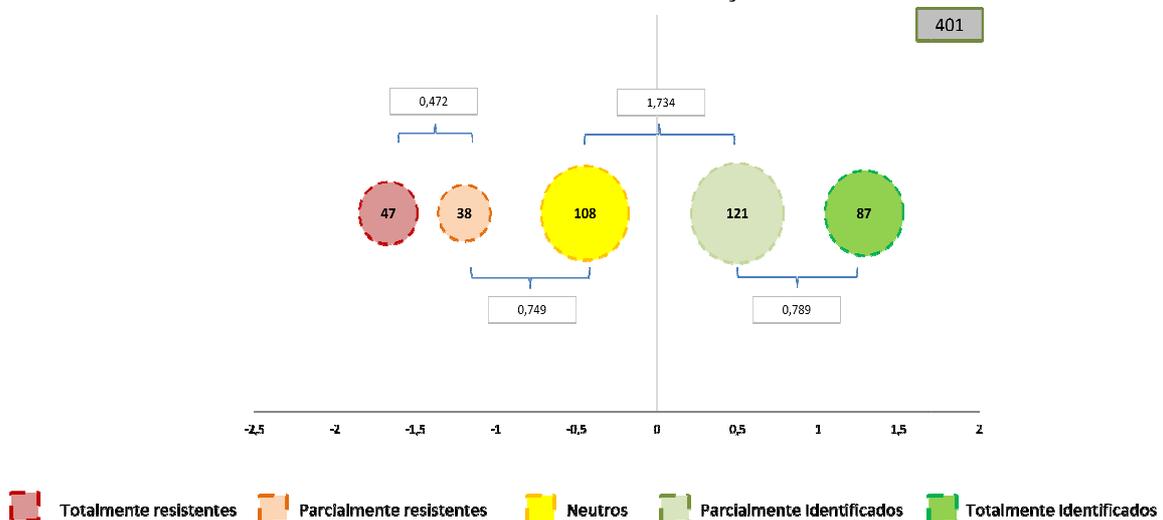
**Figura 2. GRAUS DE IDENTIFICAÇÃO DOS POLICIAIS AO PROJETO DAS UPPS II**



Se, de um lado, a modelagem estatística diminuiu um pouco a consistência do esquema anterior, quando deixou de incorporar a questão aberta, de outro lado, ela legitimou, matematicamente o resultado e reduziu em quase 50% a faixa de casos neutros e ambíguos. A seta mostra então que um pouco mais da metade do efetivo converge no sentido da identificação (21,7% deles estando totalmente identificados), enquanto 21,2% pendem para o polo da rejeição ao projeto.

Com base nessa ferramenta, que permitiu redimensionar o efetivo segundo o grau de aderência ao projeto, se poderia ver na predominância de policiais total ou parcialmente identificados uma força de atração para o conjunto da tropa. Entretanto, a análise da distribuição espacial dos cinco grupos, representada na figura abaixo, mostra que o grupo classificado como “neutro” não está localizado exatamente no eixo central, mas se aproxima daqueles parcialmente resistentes.

**Figura 3. DISTRIBUIÇÃO DO CONTINGENTE DA UPP, SEGUNDO O GRAU DE IDENTIFICAÇÃO AO PROJETO**



Isso significa que os indivíduos que compõem o grupo “neutro” compartilham um número maior de respostas com os aqueles dos grupos resistentes. Com isso, reduz-se um pouco o peso relativo dos policiais identificados e, portanto, sua capacidade potencial de influenciar o restante da tropa. O problema, para os comandos, é como tornar esse importante segmento do efetivo que parece não acreditar na UPP apto a desempenhar a missão de aproximar a população da polícia.

A questão, portanto, é saber que fatores interferem para favorecer ou impedir a identificação dos policiais com a UPP, pressupondo-se que a atuação dos mais identificados deveria ser mais condizente com o programa da UPP, a despeito das dificuldades práticas experimentadas no cotidiano.

Cano, Borges e Ribeiro (2012) atribuem o que identificam como “falta de apropriação e de compromisso” dos policiais a uma série de razões como os rigores do policiamento em locais de difícil acesso; a dependência administrativa dos batalhões, que exige constantes deslocamentos<sup>10</sup>; a infraestrutura ainda precária de certas unidades; a distância entre trabalho e moradia, combinada com a escassez de alojamentos disponíveis; e os atrasos no pagamento da gratificação, minguada, além disso, pela incidência de descontos. Soma-se a esses elementos, como se viu anteriormente, a expectativa frustrada de uma parte do efetivo cujo imaginário é movido pela lógica do combate e que, por isso, preferiria estar atuando em batalhões convencionais ou em unidades de operações especiais.

Apesar de a amostra aqui analisada não ter sido dimensionada para comportar desdobramentos e subdivisões, já que foi calculada para as UPPs como um todo, encontrou-se uma forte correlação positiva entre o fator “identificação”, exposto acima, e dois novos fatores gerados posteriormente: 1) “condições de trabalho” (que reúne as avaliações sobre condições da sede, dormitórios, sanitários, local e condições de alimentação) e 2) “avaliação da formação” (que combina o sentimento global de ter sido adequadamente preparado para atuar nas UPPs com a avaliação sobre o conteúdo das disciplinas voltadas para o policiamento comunitário ou de proximidade: uso de arma não letal, comunicação e relacionamento com o público, mediação de conflitos, procedimento para violência doméstica e prática de policiamento cotidiano em favelas)<sup>11</sup>.

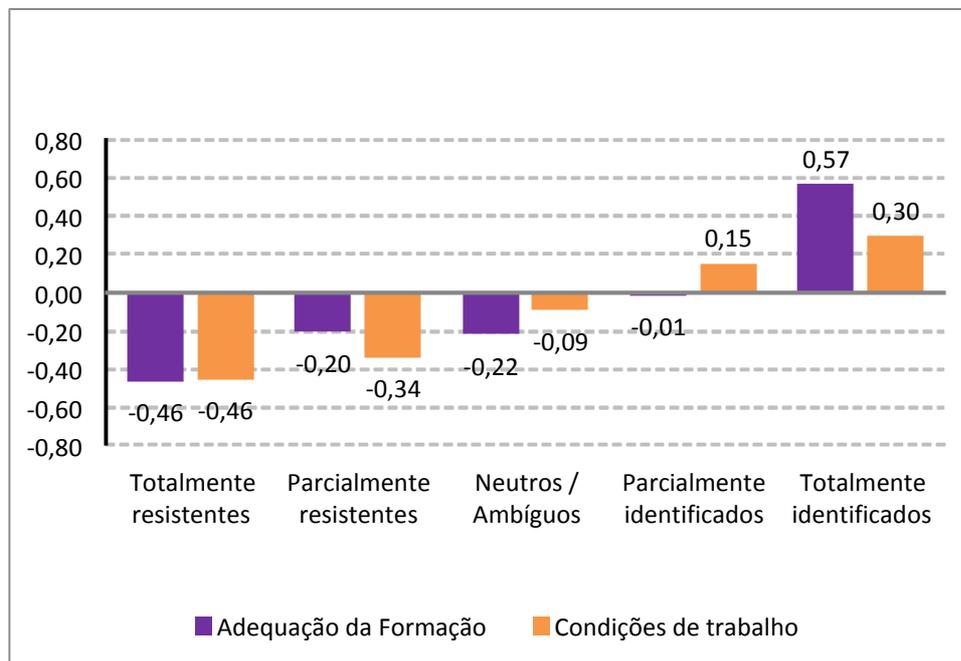
---

<sup>10</sup> Embora as UPPs estejam cada vez mais autônomas em relação aos batalhões, várias ainda não dispõem de paiol próprio para custódia das armas, o que obriga os policiais a passarem diariamente pelo batalhão na entrada e na saída do serviço.

<sup>11</sup> Como se trata de um julgamento subjetivo do conteúdos das disciplinas, a avaliação pode estar também influenciada pela adesão ou rejeição prévia ao projeto. A força do fator reside, portanto, na combinação dessas avaliações com o sentimento de sentir-se ou não preparado para atuar na UPP.

A primeira correlação endossa os achados da pesquisa qualitativa mencionada acima, que associam a percepção negativa das condições de trabalho<sup>12</sup> com a falta de identificação do policial ao projeto. A segunda revela uma nova conexão, ao relacionar o fator “identificação” ao sentimento de ter sido adequadamente preparado para o trabalho na UPP<sup>13</sup>. Em outras palavras, independentemente desses fatores poderem ser, ao mesmo tempo, causa e efeito, um do outro, quanto melhor a avaliação sobre as condições de trabalho e sobre a formação recebida, mais o policial se aproxima da parcela totalmente identificada com o projeto e vice-versa. É o que mostra o gráfico de variação da média dos fatores, exposto abaixo:

**Gráfico 13. MÉDIA DOS FATORES “FORMAÇÃO” E “CONDIÇÕES DE TRABALHO” – 2102**



Evidentemente, outros fatores, como o tipo de atividade exercida, a visão sobre o projeto, os sentimentos da população face à UPP e, sobretudo, as diferenças entre UPPs podem estar também, em diversos níveis, correlacionados estatisticamente ao fator “identificação”. O fato de que essas correlações não se mostraram significativas, na presente análise, pode, em última instância, estar ligado às dificuldades de ajuste do formato e do tamanho da amostra para esse tipo de procedimento<sup>14</sup>. Os dados resultantes dos cruzamentos de variáveis, obtidos a partir da amostra geral para as UPPs, devem ser, portanto, lidos com uma certa cautela. Porém, a

<sup>12</sup> Nesse caso, especificamente as condições físicas da sede e as condições de alimentação.

<sup>13</sup> A correlação dos fatores de “avaliação da formação” e “condições de trabalho” com o fator identificação resultou em 0,31 e 0,26, respectivamente.

<sup>14</sup> Uma amostra que fosse estatisticamente representativa de cada uma das UPPs, por exemplo, precisaria ser tão extensa que, no limite, se aproximaria de um censo.

consistência da correlação entre os três fatores apontados acima (“identificação”, “avaliação das condições de trabalho” e “avaliação sobre a formação”) foi suficientemente forte para, a despeito das limitações da amostra, se expressar de maneira inequívoca.

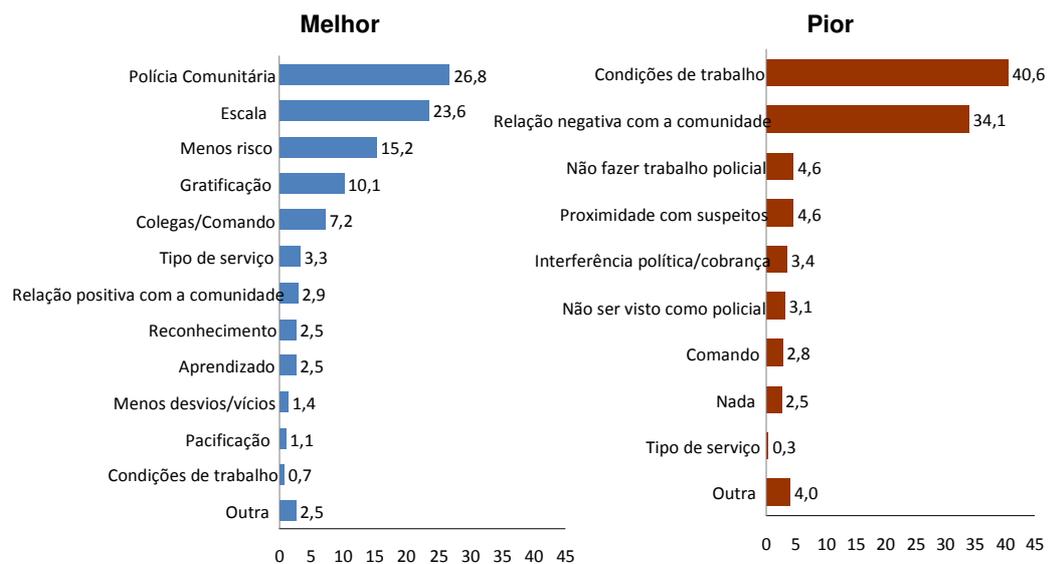
Em suma, enquanto uma parte da tropa “vestiu a camisa”, em maior ou menor grau, uma parcela importante do efetivo ainda se mostra em contradição com o programa e, certamente, demandará um investimento especial, por parte dos comandos, para que não venha a comprometer os avanços obtidos até agora.

Ao que tudo indica, duas estratégias podem resultar na ampliação do comprometimento dos policiais com o trabalho: de um lado, a melhoria da infraestrutura da sede e das condições de alimentação – o que já vem paulatinamente ocorrendo à medida que as UPPs se consolidam. De outro, o investimento em uma formação calcada em conceitos e em práticas que sejam, elas próprias, compatíveis com o funcionamento das UPPs, pela qual, em ambiente favorável à escuta, ao diálogo, ao reconhecimento do outro, à pluralidade e à cooperação, os futuros policiais possam desconstruir o ideário da guerra e exercitar, com base no tratamento recebido, os procedimentos que, adiante, lhes serão requeridos.

## VII. CONDIÇÕES DE TRABALHO E ATIVIDADE POLICIAL

Mais de um terço dos entrevistados (34,4%) identificam as condições de trabalho como o que há de mais positivo na UPP<sup>15</sup>. Ao mesmo tempo, cerca de 40% mencionam, espontaneamente esse fator como sendo a pior coisa do trabalho nessas unidades. A última percepção está mais presente entre as UPPs recentes (63,2%) do que entre as antigas (36,8), o que condiz com a consolidação progressiva das sedes das unidades<sup>16</sup>.

**Gráfico 8. A MELHOR E A PIOR COISA DO TRABALHO NA UPP, SEGUNDO OS POLICIAIS - 2012**



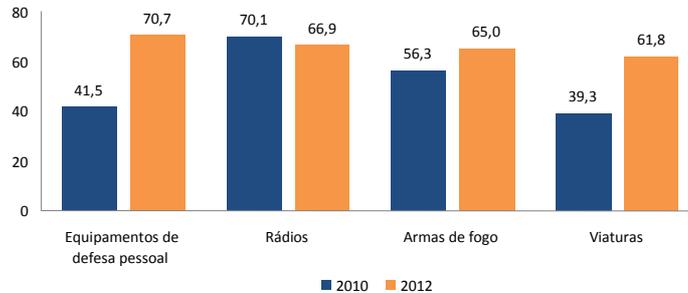
<sup>15</sup> Somando-se os itens escala, gratificação e condições de trabalho

<sup>16</sup> Por se tratar de pergunta com múltiplas respostas, não é possível aplicar o teste de significância nesse caso.

## Avaliações

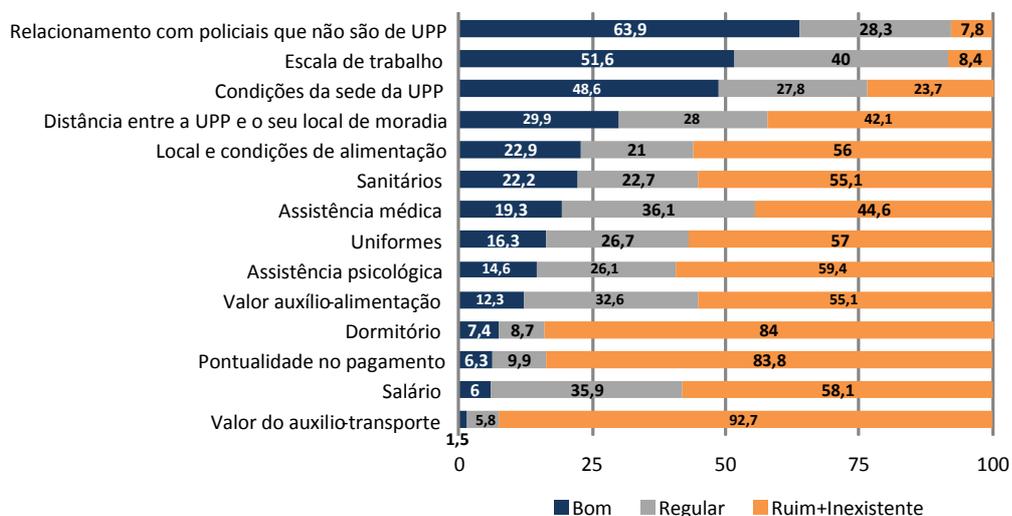
Quando se trata da suficiência dos recursos à disposição dos policiais, a avaliação da maioria é bastante positiva, tendo ainda aumentado, entre 2010 e 2012, a proporção dos que consideram suficientes os equipamentos de defesa pessoal, armas e viaturas.

**Gráfico 14. ITENS AVALIADOS PELOS POLICIAIS DAS UPPs COMO SENDO SUFICIENTES – 2010/2012**



Por outro lado, quando os policiais avaliam as condições de trabalho em sentido amplo, apenas dois itens recebem o qualificativo de “bom” pela maioria: a escala de trabalho e o relacionamento com policiais que não são de UPP. A comparação com os dados de 2010 mostra os policiais mais satisfeitos em relação às atitudes dos colegas dos batalhões, à escala de trabalho, às condições da sede e sanitários e à distancia entre o trabalho e a moradia. Em contrapartida, pontualidade na gratificação e auxílio-transporte foram bem avaliados por um número muito menor de policiais, no segundo ano da pesquisa.

**Gráfico 15. AVALIAÇÃO DOS POLICIAIS SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO - 2012**



Quando agregadas as respostas, “bom” e “regular”, isto é, o que seria considerado razoável segundo os policiais, a maior parte dos itens continua sendo mal avaliada pela maioria, como dormitórios, pontualidade no pagamento da gratificação e auxílio transporte. Em menor escala, assistência psicológica, local e condições de alimentação, uniformes e salários também são tidos como ruins ou inexistentes por pouco mais da metade dos entrevistados. Cinco itens, porém, recebem avaliação favorável (bom+regular) pela maioria: assistência médica (55,4%), relacionamento com policiais que não são de UPP (92,2%), distância da moradia (57,9%), escala de trabalho (91,6%) e condições da sede (76,3%). Duas dessas variáveis chamam a atenção: em primeiro lugar, a relação com policiais de fora das UPPs, vistas por quase todos como boas ou regulares. Esse fator parece incomodar menos em 2012 do que em 2010, quando 23,7% classificavam-nas como ruins<sup>17</sup>. Possivelmente, o fato de os batalhões terem passado a receber também uma gratificação ajudou a dissipar um dos focos de tensão. Continua forte a noção de que as UPPs criaram duas polícias (78,7% dos entrevistados disseram concordar com essa afirmativa), mas, ao que parece, a ideia de que uma delas tem privilégios financeiros, vem deixando de alimentar essa noção. O segundo aspecto diz respeito às condições da sede, tidas como aceitáveis (boas ou regulares) por mais de 75% dos entrevistados (no ano anterior, essa avaliação era compartilhada por menos de 65% do efetivo). Antes de mais nada, esse dado retrata as dinâmicas da implantação das UPPs: de um lado, solucionando problemas, como a transformação dos containers provisórios em sedes fixas, marcando, simbolicamente, a noção de que as UPPs não serão mais um projeto transitório, como seus predecessores (metade dos policiais disse concordar com a afirmativa de que “as UPPs vieram para ficar”). De outro lado, perpetuando alguns problemas como a escassez ou precariedade de banheiros, dormitórios e condições de alimentação, como identificado no gráfico acima.

Quando perguntados sobre o que mais temiam que pudesse lhes acontecer, trabalhando na UPP, 71,1% dos entrevistados mencionaram riscos associados à vida ou à integridade física, como confrontos, conflitos, emboscadas, assassinatos etc.<sup>18</sup> Isso não significa, necessariamente, que os policiais vivam esse medo no cotidiano, pois a pergunta é indutiva e exige que os respondentes escolham algum elemento ameaçador. Porém, 92% dos policiais respondem a uma outra pergunta afirmando que é necessário portar fuzil no interior da unidade. Boa parte deles, em razão do risco de um ataque externo ou da permanência de

<sup>17</sup> Como em 2010 a formulação da pergunta era ligeiramente diferente (perguntava-se sobre “as atitudes dos policiais que não são da UPP”), a comparação tem um caráter apenas indicativo.

<sup>18</sup> As outras respostas referem-se a cobranças ou punições injustas; conflitos com moradores; fim da UPP; erros e desvios (próprios ou de outrem); risco de ficar defasado e não progredir na carreira; piora das condições de trabalho e transferência para outra unidade.

traficantes e armas no interior ou no entorno da comunidade<sup>19</sup>. Além da permanência de um modelo bélico nas representações dos policiais, os resultados dessas duas perguntas sugerem que, para eles, a imagem da UPP como território pacificado, ainda está longe de ser uma realidade. O tempo, nesse caso, não tem contribuído para melhorar essa percepção.

Além disso, embora para a maioria dos policiais, as ocorrências muito frequentes continuem sendo perturbação do sossego, desacato, violência doméstica e rixa/vias de fato, no intervalo de pouco mais de um ano entre os dois levantamentos, aumentou, consideravelmente o volume dos que consideram o tráfico de drogas como recorrente, conforme mostra o próximo gráfico:

É bastante desigual, entre as unidades, o percentual de policiais que avaliam como bons os itens relativos à condição de trabalho. Chapéu Mangueira e Caratê mais uma vez se desviam, em direções opostas, da média geral nos itens: “condições da sede” (43% e 63,1%); “escala de trabalho” (65,1% e 41,5%); “dormitórios” (34,1% e 0); “sanitários” (34,9% e 58,5%) e “distância da moradia” (9,3% e 41,5%).

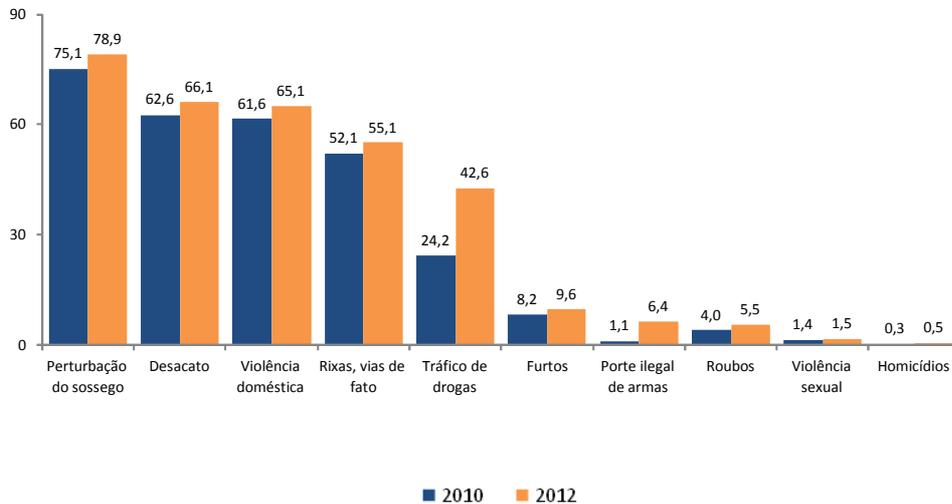
As avaliações, apesar de sempre subjetivas, refletem realidades distintas ou etapas diferenciadas no processo de implantação das unidades. Não surpreende, portanto, que o número de policiais que moram perto do trabalho seja muito maior na Cidade de Deus do que no Leme. Ou que não haja avaliação positiva dos dormitórios no Caratê, onde, em contrapartida, os banheiros e a sede foram mais bem avaliados.

A proporção dos que afirmaram a necessidade do uso do fuzil no Chapéu Mangueira foi de 82,6%, enquanto nas demais, que se mantiveram próximas à média, o percentual ultrapassou 90%.

---

<sup>19</sup> As respostas a essa pergunta eram de tal forma entrelaçadas, remetendo-se umas às outras, que não foi possível separá-las em categorias estanques para que fossem quantificadas. Outras justificativas fazem referência ao fuzil como arma apropriada ao uso policial e importante para a ostensividade, a intimidação, a segurança e a prevenção do crime.

**Gráfico 16. OCORRÊNCIAS TIDAS COMO MUITO FREQUENTES PELOS POLICIAIS DAS UPPs – 2010/2012**



Conclui-se, portanto, que além de trabalharem em contexto de dificuldades, tanto topográficas, de infraestrutura, de tipo de atividade quanto, como se verá adiante, de relacionamento com a população local, os policiais ainda se sentem expostos a um risco, se não maior, pelo menos igual ao de seus colegas das outras unidades, onde as condições de trabalho lhes parecem menos adversas. É o que sugerem, por exemplo, as alegações, vistas acima, sobre a possibilidade de ataques, emboscadas e outras ações do tráfico.

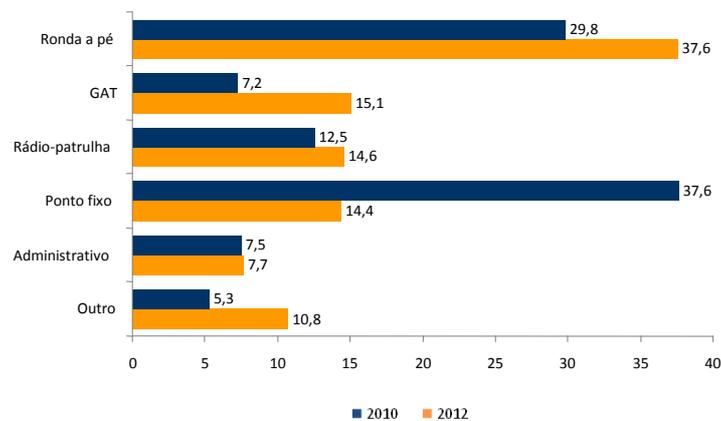
Não surpreende, portanto, que parte deles, mesmo aqueles que expressam uma certa identificação com o projeto, manifeste o desejo de trabalhar em outras unidades da PM. Esse sentimento perdurará, provavelmente, até que as dificuldades objetivas possam ser minimizadas e, tanto o processo de formação quanto a estrutura de poder nas UPPs ofereçam mais oportunidades de escuta aos policiais, concorrendo para que eles se percebam e sejam percebidos como elementos centrais na promoção de um novo modelo de policiamento.

- As diferenças de percepção sobre ocorrências muito frequentes varia, em alguns casos, de forma gritante, entre as UPPs. Chapéu Mangueira e Caratê, por exemplo, apresentam, regularmente, resultados opostos e bastante desviantes em relação ao conjunto: enquanto no Chapéu Mangueira somente 2,4% dos policiais consideram o tráfico de drogas muito frequente, no Caratê esse percentual se eleva para 96,9%. Também é grande a diferença expressa no caso do desacato, visto como muito frequente por 31,4% do efetivo no Chapéu Mangueira e por 73,8%, no Caratê, assim como as rixas e vias de fato, consideradas por 36% dos policiais no Chapéu Mangueira e 86% no Caratê como muito frequentes.

## Atividades

A maior parte dos policiais das UPPs está envolvida no policiamento ostensivo a pé, seja em ponto fixo ou em ronda. Em 2012, invertendo o cenário do primeiro levantamento, cresceu sensivelmente o percentual dos que atuam em ronda a pé, em grupamento de ação tática (GAT) e em rádio patrulha, diminuindo, conseqüentemente, a proporção dos que permaneciam em ponto fixo.

**Gráfico 17. TIPO DE TRABALHO QUE OS POLICIAIS DAS UPPs REALIZAM NA MAIOR PARTE DO TEMPO – 2010/2012**



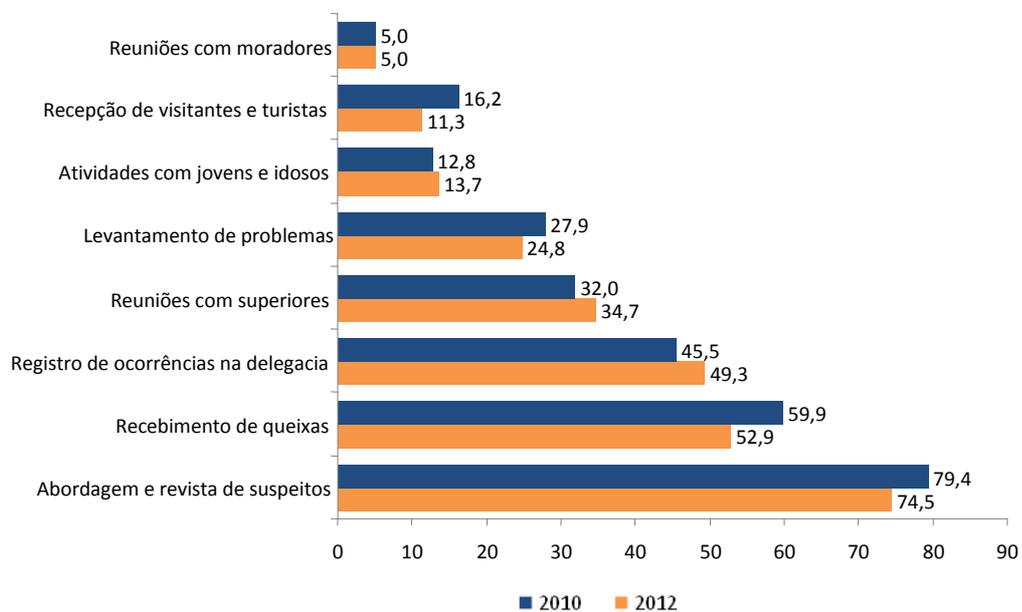
Embora as UPPs tenham um baixo grau de institucionalidade, como mostram Cano, Borges e Ribeiro (2012) e, apesar de o conceito de Policiamento de Proximidade, que hoje norteia o projeto, ter também contornos pouco definidos, é reconhecido por todos os atores envolvidos que um dos pilares desse modelo se sustenta na relação (de proximidade) dos policiais com a comunidade. No lugar dos confrontos a que se resumia a política de segurança em favelas até pouco tempo atrás, a filosofia das Unidades de Polícia Pacificadora pressupõe que nas favelas ocupadas se estabeleça um novo relacionamento entre polícia e moradores. As entradas pontuais e, por vezes, violentas, que ainda acontecem nas demais favelas, dão lugar a uma ocupação permanente e, uma vez retomado, pacificamente, o território antes nas mãos de criminosos armados, a polícia se estabelece no local como elemento de manutenção da paz<sup>20</sup>. Em tese, onde há ocupação, a favela deixou de ser vista, em bloco, como o temido campo inimigo, onde os combates eram travados sem qualquer cuidado com a segurança do conjunto

<sup>20</sup> Conforme o §2º do Artigo 1º do Decreto Nº. 42.787, de 06 de janeiro de 2011, que dispõe sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora, um dos objetivos da UPP é “devolver à população local a paz e a tranquilidade públicas necessárias ao exercício da cidadania plena que garanta o desenvolvimento tanto social quanto econômico”.

da população. Ao invés disso, segundo os textos oficiais, a vida e os direitos de seus habitantes passaram a representar o bem maior a ser protegido<sup>21</sup>.

Evidentemente, ainda que as UPPs não tenham o objetivo de extinguir o tráfico nas favelas, a permanência da ação de traficantes, mesmo não mais exercendo o domínio armado sobre o território, continua a requerer da polícia determinados procedimentos inibitórios. Porém, o tipo de atividade que os policiais dizem realizar com frequência, sugere que, no cotidiano, as ações de base repressiva são tão ou mais recorrentes do que as posturas pró-ativas na construção de vínculos positivos com os moradores:

**Gráfico 18. ATIVIDADES REALIZADAS PELOS POLICIAIS DAS UPPs COM FREQUÊNCIA – 2010/2012**



Evidentemente, as frequências ideais das atividades listadas acima não são perfeitamente comparáveis e a própria compreensão do que venha a ser muito ou pouco frequente pode oscilar bastante, se não estiver balizada em parâmetros previamente definidos. Porém, como mostra o gráfico, a atividade de abordar e revistar suspeitos é identificada como frequente por uma proporção maior de policiais do que as iniciativas geradoras de aproximação mútua (como receber queixa, levantar problemas e fazer reuniões com moradores).

Os entrevistados haviam sido solicitados a dizer se, na sua rotina de trabalho na UPP, realizavam as atividades listadas acima com frequência, com pouca frequência ou nunca.

<sup>21</sup> Segundo a Coordenadoria de Polícia Pacificadora, a UPP é pautada nos seguintes valores: "Preservação da vida, respeito a dignidade humana, polícia de proximidade, polícia comunitária e transparência." <http://coordenadoriapp.com.br/>.

Poucos foram os entrevistados que disseram não fazer abordagem e revista de suspeitos (9,3%), o que contrasta, por exemplo, com o percentual dos que afirmaram não participar de reuniões com moradores (77,8%), nem mesmo com pouca frequência<sup>22</sup>. Isso não significa, entretanto, a inexistência de outras iniciativas de aproximação, pois as reuniões com moradores, diferentemente dos contatos individuais, não supõem a presença de toda a tropa, mas de alguns representantes apenas. Além disso, algumas atividades não são, por definição, realizadas cotidianamente. Portanto, quando consideradas as atividades que os policiais identificam como mais esporádicas, o cenário se altera um pouco: 79,9% disseram participar de reuniões com seus superiores, assim como 66,3% afirmaram se dedicar ao levantamento de problemas na comunidade, 91% recebem queixas dos moradores e 88,3% registram ocorrências em delegacias.

Mesmo assim, os sinais indicam que o contato com a população ainda é fortemente marcado por uma lógica tradicional de policiamento, que confere ao conceito de proximidade um sentido de presença ostensiva (e intensiva, considerando-se a razão policial por habitante), mais do que o de estabelecimento de diálogos e parcerias.

Para compreender melhor essa relação, perguntou-se também aos policiais, qual o número médio de pessoas atendidas e abordadas por eles. Com base nas respostas, a média de atendimentos e abordagens foi estimada em 7,5 e 10,6 por policial, respectivamente, o que confirma que a ação de base repressiva ainda supera as iniciativas de aproximação. Mesmo que, no jargão policial, a compreensão do termo “atender” seja menos precisa do que a da expressão “abordar”, a razão que resulta desses números, de 0,7 atendimentos para cada revista e abordagem, pode estar até mesmo superestimando os atendimentos, já que algumas atividades como ensino ou Proerd<sup>23</sup> reúnem, simultaneamente, um número grande de beneficiários, contabilizados, nas respostas, como pessoas atendidas.

- Invertendo o padrão da média das UPPs, no Chapeu Mangueira, os policiais atendem mais do que abordam, numa razão de 1,4 atendimentos por abordagem. Nas demais unidades que receberam tratamento censitário, a razão foi de 0,4, no Turano; 0,8, no Salgueiro e 0,6 no Caratê.
- Enquanto a razão de atendimentos por abordagem entre as mulheres é de 4,6, ou seja, mais de quatro pessoas atendidas para cada pessoa abordada, entre os homens essa razão é de 0,5. Um dos motivos para essa diferença se associa, provavelmente, à proporção maior de mulheres em atividade-meio, como já foi mostrado.

<sup>22</sup> Entre os 5% que participam, com muita frequência, a maioria está em funções administrativas (50%) ou em programas especiais (30%).

<sup>23</sup> Programa Educacional de Resistência às Drogas da Polícia Militar

Apesar disso, 43% dos entrevistados afirmam manter contato com alguma organização da comunidade (associação de moradores, igrejas, grupos culturais, ONGs ou imprensa comunitária). Esse dado é significativo em si mesmo e, mais ainda, na ausência de procedimentos para o policiamento de proximidade, por ser ainda potente o imaginário da polícia como força de confronto (20% se dizem insatisfeitos por não se sentirem verdadeiros policiais na UPP), e pelas tensões entre polícia e moradores de favelas serem ainda recorrentes, como se verá no próximo capítulo. Por outro lado, assim como no caso das reuniões com moradores, confirma-se aqui certa divisão de tarefas, pois essa atividade só é preponderante entre os que estão em funções administrativas (72,5%) e nos programas especiais (60%). Entre os que atuam em rádio-patrolha, ronda a pé, ponto fixo e GAT o percentual dos que mantém algum contato com organizações locais varia de 33% a 43%.

Cano, Borges e Ribeiro (2012) mostram que a ausência de instâncias formalizadas de interlocução com os moradores acaba se traduzindo na concentração dessa atividade em mãos dos chamados “articuladores comunitários” ou da PM5 (relações públicas). De fato, os dados deste levantamento mostram que 50% dos que participam frequentemente de reuniões com moradores estão em cargo administrativo, embora as posições administrativas sejam ocupadas por apenas 7,7% do efetivo.

Em suma, um dos sentidos do termo proximidade, que seria o diálogo com a comunidade, embora existente, ainda não representa uma prática generalizada no policiamento de ponta.

*Ainda que, na comparação entre as antigas e novas unidades, não se observem variações importantes no percentual dos agentes que mantêm algum contato com instituições locais, os dados das favelas que receberam tratamento censitário, mais uma vez, ilustram a diversidade de situações que caracteriza as UPPs: enquanto no Chapéu Mangueira essa proporção é de 53,6%, no Caratê é de 36,9%. Turano e Salgueiro se mantiveram próximos da média geral.*

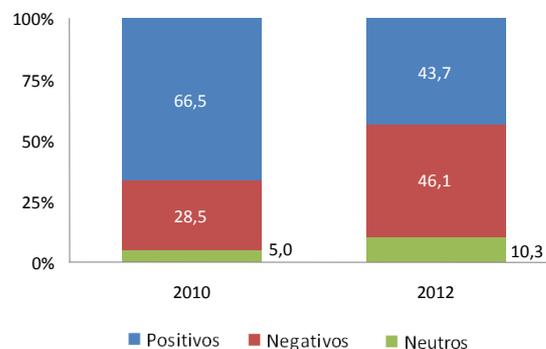
## VIII. RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

Conforme indicado no capítulo 4, quando solicitados a expressar espontaneamente o que consideram a melhor coisa do trabalho na UPP, apenas 2,9% dos policiais mencionam a relação positiva com a comunidade. Já ao nomear a pior coisa, a relação negativa com os moradores é lembrada por 34,7% dos entrevistados.

É evidente que essas duas respostas não podem ser lidas como espelho uma da outra. Não só porque referem-se a perguntas distintas, com uma quantidade diferente de respostas, mas porque a natureza das respostas também não é igual: “ser um policiamento comunitário”, o que também remete, diretamente, à proximidade com a população, foi mencionado por 26,8% dos policiais como sendo o melhor da UPP, enquanto nas respostas sobre o que há de mais negativo nenhuma categoria correspondeu a essa visão.<sup>24</sup> Contudo, a referência espontânea de tantos policiais à uma relação problemática com os moradores é significativa em si mesma e revela uma dupla tensão: de um lado, a hostilidade de parte da população para com os policiais e, de outro, a projeção de estigmas e a rejeição aos moradores de favela, por parte do efetivo.

As tensões entre a comunidade e a polícia se expressam também na percepção, compartilhada por 46,1% do efetivo, de que a maioria da população nutre sentimentos negativos em relação à presença dos policiais da UPP. Essa percepção, como se pode ver no gráfico 19, aumentou sensivelmente desde 2010.

**Gráfico 19. SENTIMENTOS QUE, SEGUNDO OS POLICIAIS, A MAIORIA DA POPULAÇÃO DEMONSTRA EM RELAÇÃO A ELES – 2010/2012**



<sup>24</sup> Além da já referida menção aos moradores, 40,6% dos policiais indicam as condições de trabalho e os demais oferecem respostas pulverizadas em proporções sempre menores do que 5%.

A grande maioria dos respondentes refere-se ao critério de idade para identificar os grupos mais receptivos e os mais hostis à presença policial, (78,1% e 73,4%, respectivamente). Isso reflete a percepção generalizada de que as crianças e os idosos, os que demonstram mais aceitação, se comportam na relação com os policiais de UPP de forma oposta à dos jovens. Os grupos de discussão, realizados no primeiro ano da pesquisa, e os relatos feitos aos pesquisadores de campo, são pródigos em exemplos, dados pelos policiais, de atitudes hostis por parte de moradores: jovens que cospem quando passam perto dos agentes, sacos de urina e até de fezes lançados sobre os policiais ou na sede da UPP, afrontas diretas, ameaças sutis etc.

Seria, obviamente, ingênuo imaginar que relações historicamente conflituosas e violentas pudessem se transformar, em pouco mais de três anos, em interações baseadas exclusivamente no respeito, na confiança e em expectativas positivas, nos dois sentidos. Como um processo em curso, a implantação das UPPs provavelmente levará muito tempo ainda para reverter o quadro de medo e desconfiança mútuos que prevaleceu por décadas. Ainda que a UPP aponte para uma mudança radical no papel desempenhado pela polícia e que tenha produzido um incremento do controle externo sobre a atuação policial, por parte da população local, como mostram Cano, Borges e Ribeiro, (2010), muitos dos elementos geradores de tensões continuam presentes. Um deles, já mencionado anteriormente, é a ausência de formalização dos procedimentos da polícia nos territórios com UPP, o que, segundo ainda esses autores, deixa vasta margem à discricionariedade nas mãos dos policiais.

Se as UPPs não seguem a lógica da guerra às drogas, nem por isso os policiais deixam de empreender ações repressivas, sobretudo frente às novas modalidades de ação dos traficantes (como o “tráfico-formiguinha”). Além disso, muitas mudanças trazidas pela chamada pacificação implicam, ao menos no curto prazo, perdas financeiras e restrições a certas liberdades para uma parte da população, como ilustram os já famosos conflitos entre jovens e policiais em torno do baile funk e do som alto nas comunidades. Somam-se a isso, situações de abuso e corrupção praticadas por policiais, que também já mereceram destaque nos noticiários, concorrendo para alimentar resistências e desconfianças. Não é por acaso, como se viu no capítulo 4, que 66% dos agentes identificaram as ocorrências de desacato como sendo muito frequentes, o que, para Cano, Borges e Ribeiro indicaria “perda de legitimidade dos policiais”, no campo simbólico em que ocorre a disputa em torno da reivindicação por respeito. A pacificação da vida cotidiana nas UPPs, implica, portanto, mudanças profundas e de longo prazo: tanto na cultura policial, que ainda reverbera os ecos de uma tradição

autoritária, quanto na cultura das favelas, por longo tempo submetida ao arbítrio dos “donos do morro”.

“Na verdade, as UPPs são um começo de um longo processo de aprendizado para ambas as partes, que envolve por um lado uma nova convivência mais estreita dos policiais com moradores de espaços populares e, por outro, a forma como os dois lados lidam com questões de segurança”(idem, 2012).

Nas unidades em que foi realizada a pesquisa censitária, a percepção sobre os sentimentos dos moradores em relação à presença policial, mostra, mais uma vez, a pluralidade de cenários nas UPP: enquanto, no conjunto das unidades, menos da metade dos policiais reconhece sentimentos positivos, como se viu acima, no Chapéu Mangueira esse percentual é de 85,1%. Já no Caratê somente 27,3% dos entrevistados compartilham essa visão. Os resultados obtidos no Turano e no Salgueiro se mantiveram mais próximos da média geral.

## IX. RESULTADOS COMPARATIVOS

De fins de 2010 ao início de 2012 houve algumas mudanças nos resultados gerais. Parte delas pode ser atribuída a alterações no projeto (consolidação das sedes, aumento do tempo de formação, mudança de ênfase nas disciplinas, abertura de vagas para mulheres etc.). Outras, por eventos externos (como os ataques, letais e não letais, contra policiais dentro de UPPs e a descoberta de esquemas de corrupção), fatos que ainda não haviam ocorrido na primeira etapa da pesquisa. Além desses fatores e do tempo decorrido entre um levantamento e outro, várias mudanças podem estar associadas também à entrada das novas turmas de policiais, as quais, embora tendo menos experiência de trabalho, já dispõem de mais informações, positivas ou negativas, sobre as UPPs. Abaixo foram resumidos os principais itens que sofreram variações no último ano, mencionados ao longo deste texto:

- Aumentou de 0,8 para 11% a proporção de mulheres no conjunto da tropa.
- Cresceu de 37 para 47% a parcela de policiais com curso superior completo ou incompleto.
- O tempo de formação na PM parece ter aumentado ligeiramente: em 2010, 1/3 dos entrevistados disse ter-se formado em 6 meses. Em 2012, 90% disseram que a formação durou 7 meses ou mais.
- Piorou a avaliação dos policiais sobre a preparação que receberam: em 2010, eram 63% os que se consideravam adequadamente preparados para trabalhar na UPP; em 2012, foram 49%.
- Os itens da formação em que menos policiais se consideraram adequadamente instruídos em 2012 foram mediação de conflitos, prática de policiamento cotidiano em favelas, procedimentos para violência doméstica e uso de armamento menos letal. Embora a maioria considere que os conteúdos de policiamento comunitário foram adequadamente ministrados, essa percepção positiva foi a que mais caiu entre as duas pesquisas: de 81,5% em 2010 para 64,2% em 2012. Por outro lado, cresceu significativamente a parcela de policiais que consideram adequado o treinamento de tiro recebido: de 52,5 para 64,9%.
- A avaliação dos policiais sobre suas condições de trabalho melhorou em alguns itens, como instalações da sede, sanitários e escala de trabalho, e piorou em outros, como pontualidade na gratificação e auxílios para transporte e alimentação.
- Aumentou de 24 para 43% a proporção de policiais que percebem o tráfico de drogas como ocorrências muito frequentes nas suas UPPs.

- Cresceu de 29 para 46% a parcela de policiais que percebem nos moradores sentimentos negativos como desconfiança, raiva e medo em relação a eles.
- O nível de satisfação dos policiais aumentou ligeiramente entre uma pesquisa e outra: em 2010, 41% se disseram satisfeitos, na maior parte do tempo, por trabalhar em UPPs; em 2012 esse percentual foi de 46%.
- Diminuiu, mas ainda continua alta, a proporção de policiais que gostariam de sair da UPP e trabalhar em outro setor da PM: 70% em 2010 e 60% em 2012.

## X. CONCLUSÃO

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas de 2011, intitulada “Mais justiça e sociedade”, realizada no Cantagalo, mostrou que a maioria dos moradores acredita que as UPPs melhoraram sua segurança e o respeito aos seus direitos, embora a nota dada à polícia, nesta comunidade, não tenha sido muito melhor do que no Vidigal, onde não havia UPP na ocasião. Entre 2010 e 2011, por sua vez, o Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip, desenvolveu a pesquisa “O impacto, sobre a primeira infância, das políticas de segurança pública e iniciativas comunitárias em comunidades urbanas de baixa renda”. Os resultados revelaram também um efeito positivo das UPPs, particularmente na vida das crianças, em termos de mobilidade local. Apesar disso, segundo os autores, a comunicação da polícia com a comunidade ainda seria precária e suas iniciativas de regulação da cultura e do lazer constituiriam um foco de muitas tensões.

Dados do Instituto Brasileiro de Pesquisas Sociais (IBPS, 2012) mostram que a maioria dos moradores de comunidades sem UPP é favorável à implantação do projeto e que os habitantes das favelas com UPP confiam na polícia em maior proporção do que os demais, além de se sentirem mais seguros, embora ainda temam a volta do tráfico.

No relatório “Os donos do morro: uma avaliação exploratória do impacto das unidades de polícia pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro” Cano, Borges e Ribeiro (2012) concluem que o projeto foi bem sucedido em seus principais objetivos: reduzir drasticamente a violência letal e o controle territorial de grupos criminosos. Com isso, teriam produzido uma importante mudança de foco, das drogas para as armas e a violência. Além dos efeitos diretos, segundo os autores, as UPPs teriam provocado a diminuição do estigma dos habitantes de favelas e proporcionado um clima muito mais aberto do que nas comunidades com tráfico ou milícia, favorecendo um maior controle sobre a ação da polícia, por parte dos moradores, e maior liberdade para criticar a UPP e denunciar os desvios policiais.

Evidentemente, como também se procurou mostrar aqui, essas conquistas, que, potencialmente, representam um ponto de inflexão nas políticas de segurança tradicionais, vêm acompanhadas de dificuldades e de imensos desafios. Além disso, como mostram várias das pesquisas mencionadas, o modelo tem fragilidades estruturais que precisam ser enfrentadas. Para fazer face aos problemas detectados, Cano, Borges e Ribeiro (2012)

apresentam diversas sugestões: (a) sobre os critérios para selecionar as comunidades a serem contempladas, de forma a beneficiar, efetivamente, as mais atingidas pela violência; (b) sobre a padronização operativa e doutrinária, para conferir mais nitidez aos procedimentos e reduzir a discricionariedade; (c) sobre os processos de formação dos policiais, de modo a que se tornem mais compatíveis com o modelo de policiamento que se espera das UPPs; (d) sobre a incorporação de elementos do modelo das UPPs à Polícia Militar como um todo, para que o projeto produza os impactos desejados, também, na própria PM; (e) sobre a atuação repressiva no interior das comunidades e sobre aperfeiçoamento do modelo comunitário e de seus mecanismos de escuta, com vistas a reduzir as históricas tensões e aumentar o espaço de aproximação e de participação dos moradores.

Tal como foi dito no início do texto, a pesquisa do CESeC buscou contribuir com o esforço empreendido por diversos pesquisadores e instituições, acrescentando ao conhecimento disponível as percepções dos policiais sobre as UPPs. O que se obteve, com base nos questionários aplicados em 20 Unidades de Polícia Pacificadora, foi um retrato dinâmico e diversificado, tal como resumido a seguir.

Observou-se, primeiramente, que a maioria do efetivo avalia positivamente os conteúdos das disciplinas, com exceção de três delas, ministradas durante sua formação. Apesar disso, quase metade dos policiais se considera pouco preparada para o trabalho nas unidades. Essa aparente incongruência sugere que eles estejam sinalizando uma contradição entre o modelo tradicional de polícia enfatizado na formação e o policiamento de proximidade em que se baseiam as UPPs.

Embora a grande maioria dos policiais tenha visão positiva (60,2%) ou neutra (19,9%) do projeto e, apesar de os que se dizem insatisfeitos, como policiais de UPP, representarem cerca de um quarto do efetivo, quase 60%, por motivos variados, prefeririam estar em outras unidades da PM. Eliminando-se as motivações de ordem prática e pessoal, verifica-se que 36,6% do contingente preferiria estar fora da UPP por falta de identificação com o projeto.

Um mapeamento dos níveis de adesão ao modelo das UPPs, através de análise fatorial, mostra um cenário complexo e diversificado quanto à afinidade da tropa com o trabalho: 51,9% dos agentes estariam total (21,7%) ou parcialmente (30,2%) identificados com o projeto, enquanto 21,2% seriam total (11,7%) ou parcialmente (9,5%) resistentes a ele. Entre esses dois grandes grupos, encontra-se um segmento (26,9%) neutro ou ambíguo, que, no entanto, tende a compartilhar, em maior número, as percepções dos refratários. Percebeu-se ainda uma forte correlação positiva entre o grau de identificação e a visão dos policiais sobre condições de

trabalho e formação, embora não se possa dizer qual o fator determinante e qual o determinado: quanto melhor a avaliação dos entrevistados sobre a formação recebida e sobre certas condições de trabalho (estado da sede, sanitários, dormitórios, local e condições de alimentação) maior o seu grau de identificação com o projeto UPP, e vice-versa.

Quando focado um conjunto mais amplo de elementos relacionados a condições de trabalho e às atividades cotidianas, as percepções também variam. Recursos como equipamentos de defesa pessoal, rádios, armas e viaturas são vistos como suficientes pela maioria, mas as condições físicas das UPPs, assim como os salários, os auxílios e a pontualidade da gratificação são consideradas ruins ou inexistentes pela maior parte do efetivo. Os dados sobre as atividades cotidianas dos agentes expressam, por sua vez, uma multiplicidade de situações: a maioria dos policiais realiza, com maior ou menor frequência, atividades que denotam aproximação com a comunidade (como levantamento de problemas e recebimento de queixas dos moradores), mas ainda predominam as atividades tradicionais de abordagem e revista de suspeitos. É o que expressa a razão de 0,7 atendimentos para cada abordagem realizada por agente e a proporção dos policiais que dizem abordar e revistar suspeitos com frequência (79,4%).

O último ponto analisado –relação dos policiais com a comunidade - se conecta, naturalmente, a todos os anteriores: assim como essa relação carrega o eco das históricas tensões entre polícia e população de favelas, ela reflete a qualidade da formação recebida, espelha o grau de adesão ao projeto e repercute a satisfação com as condições de trabalho. Não é difícil, portanto, perceber o tamanho do desafio a ser enfrentado. Quase metade do efetivo afirma perceber, na maioria dos habitantes, sentimentos negativos em relação aos policiais da UPP. Essa percepção revela resistências experimentadas por todas as forças policiais do mundo que buscaram o modelo de policiamento comunitário ou de proximidade (Cano, Borges e Ribeiro, 2012). Portanto, mesmo que todos os policiais agissem de acordo com o modelo de aproximação, seria utópico supor que, no Rio de Janeiro, após décadas de cultura da violência, imposta pelo tráfico e por uma polícia calcada no ideário da guerra, os moradores unanimemente acolheriam as forças policiais de braços abertos. Além disso, como mostram vários observadores das UPPs, uma parte da economia local, antes dependente, direta ou indiretamente da ilegalidade e da informalidade, se desestabiliza com a ocupação policial, trazendo perdas imediatas a certos segmentos da população.

Em suma, a análise das percepções dos policiais deixa à mostra um conjunto diferenciado, tanto no interior de cada UPP, quanto entre as diferentes unidades. Trata-se de um processo

em curso, sem paralelos, com vários elementos ainda indefinidos, em que se experimenta uma nova forma de convivência entre forças tradicionalmente antagônicas, cada uma delas trazendo suas marcas próprias de resistência à mudança. A evolução desse quadro, sem considerar eventuais alterações no comportamento dos grupos criminosos, poderá se dar em pelo menos duas direções: num primeiro cenário, com a melhoria das condições de trabalho (que já vem acontecendo, em algum nível), com a adequação do processo de formação aos parâmetros do policiamento de proximidade e com o avanço da institucionalidade das UPPs (o que a Secretaria de Segurança vem buscando definir, em parceria com Universidades) seria possível aumentar a identificação dos agentes que se mostram ambíguos ou relutantes (os que não são capazes de se perceber como verdadeiros policiais e assimilar os conceitos que orientam o policiamento de proximidade), aumentando as chances de sucesso do projeto. Num segundo cenário, mantidas as limitações atuais, os policiais refratários ganhariam mais influência sobre os demais, acirrando as tensões e disseminando a insatisfação, o que, no limite, poderia comprometer a sustentabilidade do projeto.

Os dados relativos às unidades recenseadas ilustraram, por sua vez, a diversidade de situações que as UPPs congregam. Os resultados foram expostos nos boxes distribuídos ao longo do texto para exemplificar as diferenças na avaliação de diversos itens como: formação, satisfação, opinião sobre as UPPs, percepção dos sentimentos dos moradores, preferência por outra unidade, ocorrências muito frequentes, razão entre atendimentos e abordagens e contato com instituições locais.

Se, de um lado, observou-se uma polarização entre as duas UPPs mais antigas, Chapéu Mangueira e Caratê, levando a supor que sejam duas situações extraordinárias, como pontos fora da curva, uma análise mais minuciosa dos dados mostra que nem sempre as variações se dão na mesma direção. No Salgueiro, por exemplo, comparativamente às demais, há mais mulheres, o contingente é mais jovem, mais escolarizado, com maior número de policiais estudando e tendo entrado mais recentemente na PM e, portanto, também na UPP. Além disso, em vários aspectos, as respostas dos policiais do Salgueiro se assemelham às do Chapéu Mangueira, enquanto as do Turano, situado na mesma região e inaugurado no mesmo período, se assemelham às do Caratê.

Finalmente, esses contrastes e semelhanças mostram, como foi dito inicialmente, a necessidade de estudos de caso, através de pesquisas qualitativas, para detectar os fatores que favorecem e os que comprometem o trabalho das UPPs. Eles indicam, além disso, que o amadurecimento dessa experiência não se dá de forma linear e que pode ser impactado por

múltiplos elementos além do tempo de existência, como a localização, as condições de vida da população, o grau de organização social, a história do tráfico na localidade, a qualidade da formação dos policiais e, muito provavelmente também, o grau de identificação do comandante da unidade, com os postulados do projeto.

## BIBLIOGRAFIA

- CANO, Ignacio (coord.). "Os donos do morro": Uma avaliação exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, LAV/UERJ e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012. 227 p. Relatório de pesquisa.
- CECIP. O impacto sobre a primeira infância das políticas de segurança pública e iniciativas comunitárias em comunidades urbanas de baixa renda. Rio de Janeiro: Centro de Criação de Imagem Popular - 184 p. Relatório de pesquisa, 2010.
- FGV. Avaliação do Impacto do Policiamento Comunitário na Cidade de Deus e no Dona Marta. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2009. Disponível em <http://www.institutoavantebrasil.com.br/prevencao-do-crime-e-upps/a-avaliacao-dos-moradores-do-rio-acerca-das-upps-15/>.
- FIRJAN. *Diagnóstico sócio-econômico de comunidades com UPP do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2012, 21 p. Disponível em <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC3879CD150138A4B42DC21436.htm>.
- FLEURY, Sonia. Militarização do social como estratégia de integração – o caso da UPP do Santa Marta. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 194-222, mai/ago, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n30/07.pdf>.
- IBPS. *Pesquisa de opinião sobre segurança pública no Município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Pesquisa Social, 2010, 13 p. Relatório de pesquisa.
- S/AUTOR. Padronização documental de ações de polícia comunitária nas Unidades de Polícia Pacificadora. *Revista Científica da Escola Superior de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, 2012, pp. 99-121.
- SADEK, Maria Tereza e OLIVEIRA, Fabiana Luci de (coords.). *Mais Justiça e Sociedade: estudo de caso nas favelas Cantagalo e Vidigal*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas – FGV.
- SILVA, Luiz Antonio Machado da. *Afinal, qual é a das UPPs?* 2010. Disponível em: [http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/artigo\\_machado\\_UPPs.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/artigo_machado_UPPs.pdf).
- SOARES, Barbara e Musumeci, Leonarda (2005). *Mulheres Policiais: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SOUZA e SILVA, J. *As Unidades de Polícia Pacificadora e os novos desafios para as favelas cariocas*. Laboratório de Etnografia Metropolitana - Le Metro, 2010. Disponível em <[www.observatoriodasmetroles.ufrrj.br](http://www.observatoriodasmetroles.ufrrj.br)>.

VIEIRA DA CUNHA, N. e MELLO, M. A. Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 371 – 401, jul/ago/set, 2011.

Entrevistador(a):		
	codigo	

Data:	/	/	2011
-------	---	---	------

UPP:
------

**QUESTIONÁRIO UPPs – O QUE PENSAM OS POLICIAIS - 2012**

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer as opiniões e avaliações dos policiais militares sobre a sua experiência de trabalho nas Unidades de Polícia Pacificadora implantadas até agora. Antes de começar eu gostaria de lembrar três coisas:

1. Em nenhum momento a sua identidade vai ser divulgada;
2. Sempre que quiser, o Sr. pode não responder às perguntas, é só falar quando não quiser responder;
3. Nenhuma pergunta tem resposta certa ou errada, o que vale é a sua opinião.

Sua participação vai ajudar pesquisadores da Universidade Candido Mendes a entender melhor as experiências e os problemas dos policiais que trabalham nas UPPs e a formular propostas para melhorar o projeto e as condições de trabalho. **Em nome da coordenação da pesquisa, agradeço desde já a sua colaboração.**

**MÓDULO I**  
**Inicialmente, vou fazer algumas perguntas sobre o seu PERFIL**

- 01. Sexo do(a) entrevistado(a):**  1. Masculino  2. Feminino
- 02. Graduação ou patente:**
1. Capitão  3. Aspirante  5. Sargento  7. Soldado  
 2. Tenente  4. Subtenente  6. Cabo
- 03. Qual o seu mês e ano de nascimento?** \_\_/\_\_\_\_ (mm/aaaa)  99. NR
- 04. O Sr. vive com alguém (esposa(o) ou companheira(o)) ?**  1. Sim  2. Não  99. NR
- 05. Qual o seu estado civil?**
1. Casado(a)  4. Separado(a) ou divorciado(a)  99. NR  
 2. União consensual(amigado / vive junto)  5. Viúva(o)  
 3. Solteiro(a)  6. Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- 06. O Sr. tem filhos(as)?**  1. Sim **Quantos?** \_\_\_\_\_  2. Não  99. NR
- 07. Qual a sua escolaridade?**
1. Ensino médio completo  6. Mestrado completo  
 2. Curso superior incompleto  7. Mestrado incompleto  
 3. Curso superior completo  8. Doutorado incompleto  
 4. Especialização incompleta  9. Doutorado completo  
 5. Especialização completa  99. NR
- 08. Está estudando no momento?**  1. Sim  2. Não [PULAR PARA 10]  99. NR [PULAR PARA 10]
- 09. Que curso está fazendo no momento?** \_\_\_\_\_  99. NR
- 10. Em que mês e ano o Sr. Entrou para a PM?** \_\_/\_\_\_\_ (mm/aaaa)  99. NR
- 11. A PM é o seu primeiro trabalho?**  1. Sim [PULAR PARA 13]  2. Não  99. NR [PULAR PARA 13]
- 12. Se não, qual foi seu último trabalho antes de entrar na PM?** \_\_\_\_\_  99. NR
- 13. Em que mês e ano o Sr. começou a trabalhar em UPP?** \_\_/\_\_\_\_ (mm/aaaa)  98. NS  99. NR
- 14. Em que mês e ano o Sr. começou a trabalhar nesta UPP?** \_\_/\_\_\_\_ (mm/aaaa)  98. NS  99. NR
- 15. Você já trabalhou em alguma outra unidade da PM que não esta UPP?**
1. Sim **Qual(is)?** \_\_\_\_\_  2. Não  98. NS  99. NR
- 16. Em que bairro e município o Sr. reside atualmente?** \_\_\_\_\_  99. NR

**MÓDULO II****Agora vou lhe fazer algumas perguntas sobre FORMAÇÃO E TREINAMENTO**

17. Qual foi o último curso que o Sr. fez dentro da PM após o CFAP ?

Nome do último curso: \_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

18. Quanto tempo durou a sua formação para entrada na PM? \_\_\_\_\_ meses  98. NS  99. NR

19. Para o seu trabalho na UPP, o Sr. considera que os conteúdos que vou listar a seguir foram ensinados de maneira adequada, de maneira inadequada ou não foram ensinados?

	Adequada	Inadequada	Não foi ensinado	NS	NR
1. Treinamento de tiro	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Defesa pessoal	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Policiamento comunitário	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Direitos humanos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Técnicas de abordagem	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Doutrina do uso progressivo da força	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. Uso de armas não-letais	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. Comunicação e relacionamento com o público	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
9. Mediação de conflitos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
10. Procedimentos para violência doméstica	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
11. Prática de policiamento cotidiano em favela	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99

20. De modo geral, o Sr. acha que a sua formação na PM o preparou bem para trabalhar na UPP?

1. Sim  2. Não  98. NS  99. NR

**MÓDULO III****As próximas perguntas são sobre as suas CONDIÇÕES DE TRABALHO na UPP**

21. Qual o Sr. considera a escala de trabalho ideal para o trabalho que o Sr. realiza nesta UPP? [ESPONTÂNEA E MÚLTIPLA]

1. 12 X 24  2. 12 X 48  3. 24 X 48  4. 24 X 72  5. Expediente

6. Outra. Qual? \_\_\_\_\_  99. NR

22. Vou listar agora alguns itens sobre suas condições de trabalho para o Sr. avaliar cada um deles como bom, regular, ruim ou inexistente:

	Bom	Regular	Ruim	Inexistente	NS	NR
1. Salário	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Pontualidade no pagamento da gratificação	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Condições da sede da UPP	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Escala de trabalho	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Dormitórios	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Sanitários	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. Uniformes	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. Distância entre a UPP e o seu local de moradia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
9. Relacionamento com policiais que não são de UPP	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
10. Valor do auxílio-transporte	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
11. Valor do auxílio-alimentação	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
12. Local e condições de alimentação	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
13. Assistência Médica	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
14. Assistência Psicológica	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
15. Outros itens. Quais? _____	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3			

23. Que tipo de trabalho o Sr. realiza a maior parte do tempo na UPP? [ESTIMULADA E ÚNICA]

1. Rádio-patrolha  2. Ronda a pé  3. Ponto fixo  4. GAT  5. Administrativo

6. Outro. Qual? \_\_\_\_\_  99. NR

24. Qual é a melhor coisa de se trabalhar numa UPP?

\_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

25. Qual é a pior coisa de se trabalhar numa UPP?

\_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

26. Para o trabalho dos policiais da UPP, o Sr. avalia que os itens que eu vou listar são suficientes, insuficientes ou inexistentes?

	Suficiente	Insuficiente	Inexistente	NS	NR
1. Equipamentos de proteção individual (coletes etc.)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Viaturas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Rádios	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Armas de fogo (pistola, fuzil etc)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2		<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3		

27. Na sua rotina de trabalho, o Sr. tem acesso a algum tipo de arma não-letal (spray de pimenta, granada lacrimogênea, granada de efeito moral, arma de choque ou algum outro tipo de armamento não-letal)? [ESPONTÂNEA]

1. Sim Qual(is)? \_\_\_\_\_

2. Não  99. NR

#### MÓDULO IV

#### Agora vou lhe fazer algumas perguntas sobre ESTA COMUNIDADE

28. Das atividades que vou listar, quais o Sr. realiza com frequência, com pouca frequência ou não realiza na sua rotina de trabalho na UPP?

	Com Frequência	Pouca frequência	Não realiza	NS	NR
1. Abordagem e revista de suspeitos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Levantamento de problemas da comunidade	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Recebimento de queixas dos moradores	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Atividades com crianças, jovens ou idosos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Reuniões com superiores	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Participação em reuniões com moradores	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. Recepção de visitantes e turistas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. Registro de ocorrências na delegacia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
9. Outra(s). Qual(is)? _____	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2			

29. Vou listar algumas ocorrências para o Sr. me dizer se acontecem com muita frequência, com pouca frequência ou não acontecem no dia-a-dia desta comunidade:

	Muita frequência	Pouca frequência	Não acontecem	NS	NR
1. Tráfico de drogas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Porte ilegal de armas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Perturbação do sossego	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Violência doméstica	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Desacato	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Rixas, vias de fato	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. Homicídios	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. Roubos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
9. Furtos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
10. Violência sexual	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
11. Outras: _____	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2			

30. Na sua opinião, é necessário que os policiais portem fuzis no interior desta UPP?

1. Sim  2. Não  98. NS  99. NR

30.1 Por quê? \_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

**31. No dia a dia desta comunidade, os casos de violência doméstica que eu vou listar ocorrem com muita frequência, com pouca frequência ou não ocorrem?**

	Muita frequência	Pouca frequência	Não ocorrem	NS	NR
1. Homens agredindo fisicamente mulheres	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Mulheres agredindo fisicamente homens	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Crianças agredidas fisicamente por familiares	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Idosos agredidos fisicamente por familiares	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Outro(s) caso(s). Qual(is)? _____	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99

**MÓDULO V**

**Agora, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre a relação da comunidade com os policiais da UPP**

**32. Quando o Sr. começou a trabalhar nesta UPP, que sentimentos a maioria da comunidade demonstrava em relação aos policiais? [ESPONTÂNEA E MULTIPLA]**

1. Medo                       4. Raiva                       7. Indiferença                       98. NS  
 2. Desconfiança               5. Respeito                       8. Outro. Qual? \_\_\_\_\_               99. NR  
 3. Simpatia                       6. Admiração

**33. Atualmente, que sentimentos a maioria da comunidade tem demonstrado em relação aos policiais? [ESPONTÂNEA E MULTIPLA]**

1. Medo                       4. Raiva                       7. Indiferença                       98. NS  
 2. Desconfiança               5. Respeito                       8. Outro. Qual? \_\_\_\_\_               99. NR  
 3. Simpatia                       6. Admiração

**34. Que tipos de moradores são mais receptivos e quais são mais hostis à presença dos policiais?**

**34.1 Mais receptivos:** \_\_\_\_\_

**34.2 Mais hostis:** \_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

**35. Vou listar algumas instituições para o Sr. me dizer se mantém contato com elas, se não mantém, ou se elas não existem na comunidade:**

	Sim	Não	Inexistente	NS	NR
1. Associação de moradores	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. ONGs	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Imprensa comunitária (rádio ou outra)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Grupos culturais (teatro, cinema, dança etc.)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Igrejas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Outra(s). Qual(is)? _____	<input type="checkbox"/> 1				

**36. Dessas atividades que vou listar, o que o Sr. considera que são atribuições dos policiais de UPPs?**

	Sim	Não	NS	NR
1. Mediar conflitos entre moradores	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. Reduzir a violência doméstica	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. Fazer trabalho assistencial (transporte de enfermos e parturientes etc.)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. Proibir e autorizar atividades de lazer dos moradores (baile funk e outros)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. Promover festas e eventos na comunidade (baile de debutantes etc.)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. Acionar órgãos públicos para resolver problemas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. Desenvolver atividades esportivas e educativas na comunidade	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. Identificar quais são os problemas da comunidade	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
9. Outra(s). Quais? _____	<input type="checkbox"/> 1			

**37. Em média, quantas pessoas o Sr. aborda por serviço?** \_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

**38. Em média, quantas pessoas o Sr. atende por serviço?** \_\_\_\_\_  98. NS  99. NR

**MÓDULO VI****O próximo bloco de perguntas é sobre a sua AVALIAÇÃO DO PROJETO UPPs**

**39. As pessoas falam muitas coisas sobre as UPPs. O Sr. concorda ou discorda das seguintes afirmações?**

	Concorda	Discorda	NS	NR
1. Foi um projeto eleitoreiro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
2. As UPPs ajudaram a recuperar a confiança da população na polícia.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
3. A escolha das comunidades foi feita para tranquilizar a classe média.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
4. As UPPs são a polícia do futuro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
5. As UPPs foram criadas só para garantir a segurança da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
6. As UPPs vieram para ficar.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
7. UPP não resolve o problema do crime, só desloca para outros lugares.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99
8. A existência das UPPs cria duas polícias dentro da PM.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 98	<input type="checkbox"/> 99

**40. Quando o Sr. começou a trabalhar como policial de UPP, a sua opinião sobre o projeto era: [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Positiva    2. Negativa    3. Neutra    98. NS    99. NR

**41. Atualmente, já tendo experiência de trabalho como policial de UPP, sua opinião é: [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Positiva    2. Negativa    3. Neutra    98. NS    99. NR

**42. Na sua opinião, a forma como a mídia vem mostrando as UPPs: [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Corresponde à realidade    2. É melhor que a realidade    3. É pior que a realidade    99. NR

**42.1 Por quê?** \_\_\_\_\_

**43. Se o Sr. fosse o governador, qual a primeira medida que o Sr. tomaria em relação às UPPs?**

\_\_\_\_\_  98. NS    99. NR

**MÓDULO VII****Agora, vou lhe fazer algumas perguntas sobre SUA SATISFAÇÃO E SUAS EXPECTATIVAS em relação a ser policial militar e ao trabalho nas UPPs**

**44. Sendo um policial de UPP, como o Sr. se sente a maior parte do tempo? [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Satisfeito    2. Insatisfeito    3. Indiferente [PULAR PARA 44]    98. NS    99. NR

**44.1 Por quê?** \_\_\_\_\_

**45. Que tipo de problema o Sr. mais teme que possa lhe acontecer trabalhando na UPP?**

\_\_\_\_\_  2. Nenhum problema    98. NS    99. NR

**46. O Sr. preferiria estar trabalhando em outro tipo de policiamento, fora da UPP?**

1. Sim    2. Não [PULAR PARA 47]    98. NS    99. NR

**46.1 Que outro tipo?** \_\_\_\_\_

**46.2 Por quê?** \_\_\_\_\_

**47. O Sr. preferiria estar fora da UPP mesmo perdendo a gratificação?**  1. Sim    2. Não    99. NR    99. NR

**48. Quais são os seus planos em relação ao seu futuro profissional? [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Pretende fazer carreira na PM    98. NS  
 2. Pretendo sair da PM    99. NR  
 3. Já estou procurando alguma coisa para sair

**MÓDULO VIII**

**Para terminar, gostaria de lhe fazer algumas perguntas complementares sobre o seu PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

**49. Vou ler uma lista de religiões para que o Sr. me indique qual é a sua: [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Evangélica.
2. Católica
7. Outra religião. Qual? \_\_\_\_\_
98. NS
99. NR

**50. Segundo a classificação do IBGE que eu vou ler agora, como o Sr. define sua cor ou raça? [ESTIMULADA E ÚNICA]**

1. Branca     2. Preta     3. Parda     4. Amarela     5. Indígena    98. NS    99. NR

**51. Somando todas as suas fontes de renda (salário, gratificações, benefícios, bicos etc.), quanto o Sr. ganha, em média, por mês? [ESPONTÂNEA E ÚNICA]**

1. Mais de 1 até 3 salários mínimos (até R\$ 1.635,00)
2. Mais de 3 até 5 salários mínimos (de R\$ 1.635,00 até R\$ 2.725,00)
3. Mais de 5 até 10 salários mínimos (de R\$ 2.725,00 até R\$ 5.450,00)
4. Mais de 10 até 20 salários mínimos (de R\$ 5.450,00 até R\$ 10.900,00)
5. Mais de 20 salários mínimos (acima de R\$ 10.900,00)
98. NS
99. NR

**52. Somando todos os rendimentos seus e das pessoas que moram com o Sr. (salários, pensões, aposentadorias, benefícios sociais, bicos etc.), quanto é aproximadamente a renda total mensal do seu domicílio? [ESPONTÂNEA E ÚNICA]**

1. Mais de 1 até 3 salários mínimos (até R\$ 1.635,00)
2. Mais de 3 até 5 salários mínimos (de R\$ 1.635,00 até R\$ 2.725,00)
3. Mais de 5 até 10 salários mínimos (de R\$ 2.725,00 até R\$ 5.450,00)
4. Mais de 10 até 20 salários mínimos (de R\$ 5.450,00 até R\$ 10.900,00)
5. Mais de 20 salários mínimos (acima de R\$ 10.900,00)
98. NS
99. NR

**53. Como o Sr. avalia o seu salário na PM, incluindo as gratificações? [ESTIMULADA E MÚLTIPLA]**

1. É suficiente para sustentar sua família
2. É insuficiente, precisa ser complementado com o trabalho de outras pessoas da família
3. É insuficiente, precisa ser complementado com o seu trabalho em outras atividades
98. NS                       99. NR

**Anotações do(a) entrevistador(a)**

*CONTINUE NO VERSO DA FOLHA, SE NECESSÁRIO*

---



---



---



---



---



---



---

## ANEXO 2

### DADOS DAS UPPS RECENSEADAS, COMPARADOS AOS DA AMOSTRA – 2012

#### Sexo

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Masculino	90,7	85,5	80,5	87,7	88,6
Feminino	9,3	14,5	19,5	12,3	11,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

#### Graduação/ patente:

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Sargento		0,7			
Cabo	5,8	3,6	4,2	1,5	5,2
Soldado	94,2	95,7	95,8	98,5	94,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

#### Faixa Etária

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
20-24 anos	5,8	9,4	16,9	3,1	11,5
25-33 anos	82,6	84,8	77,1	92,2	81,7
mais de 33 anos	11,6	5,8	5,9	4,7	6,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

#### Estado civil

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Casado(a)	38,4	30,1	29,7	36,9	33,3
União consensual	11,6	14,7	12,7	16,9	19,5
Solteiro(a)	44,2	53,7	53,4	36,9	43,8
Separado(a)/ divorciado(a)	5,8	1,5	4,2	9,2	3,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

#### Escolaridade

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Ensino médio completo	56,5	64,5	51,7	54,0	52,5
Superior incompleto	28,2	23,2	31,4	25,4	28,9
Superior completo	14,1	10,1	16,1	17,5	16,2
Especialização incompleta	-	-	-	1,6	0,5
Especialização completa	1,2	2,2	0,8	1,6	1,7
Mestrado incompleto	-	-	-	-	0,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

**Está estudando no momento?**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Sim	19,8	18,8	33,1	20,0	30,2
Não	80,2	81,2	66,9	80,0	69,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Tempo na PM**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Menos de 1 ano	13,3	22,2	49,1	4,7	9,3
Entre 1 e 2 anos	22,9	25,2	8,6	28,1	35,9
Entre 2 e 5 anos	57,8	46,7	36,2	62,5	47,1
Entre 5 e 10 anos	1,2	3,0	3,4	4,7	3,1
Mais de 10 anos	4,8	3,0	2,6	-	4,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Tempo de UPP**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Até 6 meses	30,1	32,6	55,3	19,0	34,4
Entre 7 e 12 meses	6,0	9,1	-	6,3	8,0
Entre 13 e 24 meses	10,8	55,3	43,0	38,1	43,3
Mais de 24 meses	53,0	3,0	1,8	36,5	14,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Tempo nesta UPP**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Até 6 meses	31,3	34,1	56,1	22,2	34,6
Entre 7 e 12 meses	6,0	11,4	1,8	6,3	10,5
Entre 13 e 24 meses	9,6	53,8	42,1	36,5	43,9
Mais de 24 meses	53,0	0,8	-	34,9	11,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Duração da formação para entrada na PM**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Até 6 meses	4,7	3,6	8,4	3,1	11,4
Entre 7 e 9 meses	65,2	93,5	89,0	69,2	83,1
Entre 10 e 12 meses	29,0	2,8	2,5	27,7	5,5
Mais de 12 meses	1,2	-	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Conteúdos adequadamente ensinados, segundo os policiais**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Treinamento de tiro	88,4	66,4	58,5	72,3	64,9
Defesa pessoal	72,1	74,6	54,7	78,5	64,9
Policiamento comunitário	94,2	69,6	75,2	72,3	64,2
Direitos humanos	77,9	76,6	74,1	78,5	72,3
Técnicas de abordagem	89,5	81,9	64,4	72,3	77,2

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

Uso gradual da força	82,6	82,6	76,5	67,7	79,4
Armamento menos letal	41,9	29,9	31,3	21,5	33,6
Relacionamento com o público	59,3	55,1	53,5	47,7	52,5
Mediação de conflitos	52,3	47,8	35,1	38,5	50,1
Violência doméstica	36,5	35,8	28,9	16,9	37,0
Prát. de policiam. cotid. em favela	59,3	43,4	36,5	21,5	46,3

**A formação na PM preparou bem para o trabalho na UPP?**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Sim	68,6	47,1	47,4	34,4	49,1
Não	31,4	52,9	52,6	65,6	50,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Itens avaliados como bons**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Salário	3,5	8,7	6,0	1,5	6,0
Pontualidade da gratificação	-	3,1	2,1	1,5	6,3
Condições da sede da UPP	43,0	44,1	37,6	63,1	48,6
Escala de trabalho	65,1	40,6	48,7	41,5	51,6
Dormitórios	34,1	1,5	-	-	7,4
Sanitários	34,9	16,8	20,9	58,5	22,2
Uniformes	18,6	10,1	9,6	12,3	16,3
Distância UPP/Moradia	9,3	21,0	19,8	41,5	29,9
Auxílio-transporte	60,0	51,8	52,2	69,2	63,9
Auxílio-alimentação	1,2	1,5	-	1,5	12,3
Relacionamento com policiais que não são de UPP	7,0	8,7	4,8	6,3	1,5
Local e condições de alimentação	22,4	13,3	17,5	15,4	22,9
Assistência média	18,1	15,8	18,4	6,5	19,3
Assistência psicológica	14,5	10,9	15,8	3,4	14,6

**Tipo de trabalho realizado na maior parte do tempo**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Rádio-patrolha	9,3	13,9	11,0	12,5	14,6
Ronda a pé	22,1	56,2	50,0	-	37,6
Ponto fixo	33,7	10,2	0,8	62,5	14,4
GAT	17,4	10,2	12,7	7,8	15,1
Administrativo	15,1	4,4	10,2	9,4	7,7
Outro	2,3	5,1	15,3	7,8	10,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Melhor coisa do trabalho em UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Colegas/comando	4,1	6,0	9,8	11,1	5,6
Menor risco	15,5	6,7	11,4	25,4	13,4
Nada é positivo	7,2	26,1	4,1	7,9	12,9
Outro	-	2,2	-	0,0	1,9
Polícia comunitária	39,2	25,4	37,4	17,5	26,5

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

Relação positiva com a comunidade	9,3	2,2	4,9	1,6	3,2
Aprendizado	9,3	5,2	5,7	0,0	2,4
Escala	4,1	13,4	13,8	15,9	18,7
Gratificação	1,0	3,0	4,9	17,5	7,3
Menos desvios / vícios	2,1	0,7	-	0,0	1,0
Pacificação	1,0	0,7	1,6	0,0	0,7
Reconhecimento	2,1	0,7	1,6	0,0	2,4
Tipo de serviço	5,2	7,5	4,1	3,2	3,2
Condições de trabalho	-	-	0,8	0,0	0,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Pior coisa do trabalho em UPP**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Comando		2,2	1,8	0,0	2,8
Condições de trabalho	37,3	45,6	42,3	22,0	38,2
Nada é negativo	14,5	2,9	11,7	3,4	3,5
Não fazer trabalho policial	2,4	2,2	2,7	11,9	4,3
Outro	7,2	2,9	0,9	3,4	3,8
Proximidade com suspeitos	6,0	3,7	2,7	1,7	5,5
Relação negativa com a comunidade	19,3	33,1	28,8	54,2	34,7
Tipo de serviço	2,4	2,2	2,7	1,7	0,8
Interferência/política/cobrança	1,2	1,5	2,7	0,0	3,3
Não ser visto/respeitado como PM	9,6	3,7	3,6	1,7	3,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Itens considerados suficientes**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Equipamentos de defesa pessoal	82,6	65,7	78,8	84,6	70,7
Viaturas	79,1	46,3	41,4	93,8	61,8
Rádios	58,1	86,1	72,6	70,8	66,9
Armas de fogo (pistola, fuzil etc.)	72,9	47,4	75,4	73,8	65,0

**Tem acesso a algum tipo de arma não letal?**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Sim	94,2	73,2	78,8	26,2	68,6
Não	5,8	26,8	21,2	73,8	31,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Atividades realizadas com frequência**

	<b>CHAPÉU MANGUEIRA</b>	<b>TURANO</b>	<b>SALGUEIRO</b>	<b>CARATÊ</b>	<b>AMOSTRA</b>
Abordagem e revista de suspeitos	64,0	79,7	80,5	61,5	74,5
Levantamento de problemas	26,7	17,4	24,6	15,4	24,8
Recebimento de queixas	54,7	52,9	44,9	63,1	52,9
Atividades com jovens e idosos	11,6	3,6	15,3	10,8	13,7
Reuniões com superiores	16,3	28,5	41,5	21,9	34,7
Reuniões com moradores	3,5	2,9	4,3	4,6	5,0
Recepção de visitantes e turistas	36,0	5,9	8,5	6,2	11,3
Registro de ocorrências na delegacia	24,7	52,6	36,8	29,2	49,3

**Ocorrências criminais muito frequentes**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Tráfico de drogas	2,4	46,7	33,3	96,9	42,6
Porte ilegal de armas	-	3,6	-	1,5	6,4
Perturbação do sossego	62,8	84,8	62,9	100,0	78,9
Violência doméstica	53,5	64,5	60,5	95,4	65,1
Desacato	31,4	67,4	55,2	73,8	66,1
Rixas, vias de fato	36,0	46,7	43,0	86,2	55,1
Homicídios	-	-	-	-	0,5
Roubos	-	10,2	10,3	15,4	5,5
Furtos	-	10,3	14,0	16,9	9,6
Violência sexual	-	0,7	0,9	-	1,5

**Consideram necessário portar fuzis no interior da UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Sim	82,6	95,7	91,5	93,8	92,0
Não	17,4	4,3	8,5	6,3	8,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Consideram os seguintes casos de violência doméstica muito frequentes**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Homens agredindo fisicamente mulheres	31,4	49,3	40,7	92,3	52,5
Mulheres agredindo fisicamente homens	8,1	9,4	2,8	10,8	12,5
Crianças agredidas fisicamente por familiares	3,5	8,1	11,9	24,6	11,0
Idosos agredidos fisicamente por familiares	1,2	2,9	0,9	6,2	3,8

**Sentimentos que percebem na maior parte da população**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Positivos	85,1	38,5	48,1	27,3	44,4
Negativos	8,9	48,7	39,7	59,1	45,4
Neutros	5,9	12,8	12,2	13,6	10,2

**Mantém algum contato com alguma das instituições locais**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Sim	53,6	40,3	46,9	36,9	43,0
Não	46,4	59,7	53,1	63,1	57,0

**Consideram ser atribuição dos policiais de UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Mediar conflitos entre moradores	96,5	94,2	95,8	98,5	93,8
Reduzir a violência doméstica	82,6	77,5	76,3	90,8	81,5
Fazer trabalho assistencial	76,7	62,3	59,0	69,2	61,5
Proibir e autorizar atividades de lazer dos moradores (baile funk e outros)	76,5	74,5	75,0	81,3	78,4
Promover festas e eventos	43,0	40,6	48,7	40,0	43,8
Identificar problemas da comunidade	81,4	77,5	80,5	75,4	76,4
Desenvolver atividades esportivas e educativas	70,9	63,0	70,3	66,2	64,4
Acionar órgãos públicos para	69,4	85,5	83,1	73,8	83,3

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

resolver problemas

**Pessoas abordadas por serviço**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
	5,3	14,4	9,5	8,2	10,6

**Pessoas atendidas por serviço**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
	7,5	5,9	7,1	4,7	7,5

**Número de atendimentos por cada abordagem feita**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
	1,4	0,4	0,8	0,6	0,7

**Concordam com as afirmativas:**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Foi um projeto eleitoreiro	83,7	81,9	82,4	92,3	79,8
As UPPs ajudaram a recuperar a confiança da população na polícia	88,2	69,6	90,7	70,8	81,3
A escolha das comunidades foi feita para tranquilizar a classe média	83,7	81,6	80,9	73,8	78,7
As UPPs vieram para ficar	60,5	48,9	54,4	49,1	50,7
UPP não resolve o problema do crime, só desloca para outros lugares	68,2	69,4	58,4	68,8	67,3
As UPPs são a polícia do futuro	51,2	40,9	56,1	41,1	42,6
As UPPs foram criadas só para garantir a segurança da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016	61,0	68,0	56,2	65,6	62,7
A existência das UPPs cria duas polícias dentro da PM	73,3	84,7	77,6	81,3	78,7

**Opinião sobre o projeto quando do ingresso na UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Positiva	44,2	46,4	56,4	40,0	49,3
Negativa	18,6	13,0	13,7	18,5	16,2
Neutra	37,2	40,6	29,9	41,5	34,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Opinião sobre o projeto, no momento da entrevista**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Positiva	73,3	50,4	75,2	45,3	60,2
Negativa	9,3	27,0	12,0	28,1	19,9
Neutra	17,4	22,6	12,8	26,6	19,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Primeira medida que tomaria, se fosse o governador**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Acabaria com a UPP	5,2	6,2	-	9,5	5,2
Ampliaria a UPP	18,2	6,2	10,5	7,9	7,2
Aperfeiçoaria a UPP	1,3	3,1	-	1,6	2,6
Aumentaria o efetivo	-	12,3	7,6	-	8,0
Investiria em condições de trabalho	44,2	42,3	51,4	46	45,6
Investiria em controle/ vigilância	-	-	1,0	1,6	0,9

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

Endureceria a postura policial	3,9	5,4	3,8	11,1	5,4
Investiria em estrutura organizativa/logística	9,1	6,2	5,7	7,9	4,3
Garantiria a continuidade da UPP	9,1	6,9	1,9	-	6,9
Outro	2,6	3,8	4,8	3,2	2,9
Investiria em projetos sociais	2,6	3,8	10,5	9,5	7,2
Investiria em treinamento e seleção	3,9	3,8	2,9	1,6	4,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Como se sente a maior parte do tempo, sendo policial de UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Satisfeito	57,6	35,0	53,8	35,4	46,2
Insatisfeito	12,9	38,0	17,1	29,2	26,4
Indiferente	29,4	27,0	29,1	35,4	27,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Motivos de satisfação**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Aceitação/reconhecimento	7,4	5,9	6,0	0,0	3,2
Aperfeiçoamento profissional	1,9	2,0	1,5	3,7	1,4
Bom ambiente de trabalho	11,1	7,8	7,5	3,7	5,5
Condições de trabalho	11,1	11,8	10,4	18,5	16,4
Gosta do trabalho policial	22,2	31,4	26,9	18,5	23,3
Interação com a comunidade	7,4	3,9	10,4	7,4	6,4
Outros	5,6	13,7	6,0	0,0	5,0
Estar em uma policia diferente	5,6	5,9	13,4	3,7	8,2
Servir e proteger	3,7	7,8	6,0	3,7	12,3
Tranquilidade	16,7	2,0	9,0	22,2	11,0
Vê resultado	7,4	7,8	3,0	18,5	7,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Motivos de insatisfação**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Condições de trabalho	23,1	34,5	43,5	25,0	35,7
Hostilidade/desvalorização	15,4	8,6	17,4	5,0	7,1
Não se vê/é visto como polícia		15,5	4,3	35,0	20,6
Não gosta / não queria UPP	30,8	17,2	17,4	5,0	12,7
Outros	7,7	6,9	8,7	15,0	6,3
É um projeto político		3,4		5,0	4,0
Relações com comando e colegas	7,7	6,9	4,3	0,0	7,9
Tem outras aspirações	15,4	6,9	4,3	10,0	5,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**O que mais teme que possa acontecer trabalhando na UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Fim da UPP	1,7	1,5	4,3	2,0	3,6
Conflito com moradores	6,8	3,8	9,7	4,1	8,0
Ataque/confronto	15,3	16,9	22,6	26,5	24,6
Ficar defasado/não progredir	5,1	0,8	4,3	2,0	2,5
Falta de apoio/socorro	1,7	4,6	1,1	4,1	1,9
Outro	6,8	0,8	3,2	2,0	3,0
Cobrança/punição/injustiça	6,8	12,3	8,6	26,5	13,0
Covardia/crueldade	1,7	5,4	2,2	-	3,9
Erros/desvios	-	3,8	2,2	-	2,8
Ficar visado/vulnerável	1,7	3,1	7,5	2,0	3,6
Ser morto/ferido	39,0	36,2	18,3	22,4	23,8

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

Ser pego de surpresa/emboscada	3,4	10,0	12,9	6,1	7,2
Ser transferido	3,4	0,8	1,1	2,0	0,8
Piora das condições trabalho	6,8	-	2,2	-	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Preferiria estar trabalhando em outro tipo de policiamento, fora da UPP**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Sim	58,1	78,3	59,3	58,1	59,9
Não	41,9	21,7	40,7	41,9	40,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Unidade onde preferiria estar**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Bope	13,5	7,8	5,6	13,9	11,4
Bpm	63,5	67,8	65,3	58,3	54,4
Bpm/administrativo		0,9	2,8	0,0	1,9
Choque	7,7	9,6	9,7	5,6	10,6
Ensino		0,9		0,0	1,1
Especializado		4,3	1,4	2,8	4,2
Florestal	1,9	2,6	1,4	0,0	1,5
Gam	1,9	0,9		5,6	2,7
Outros	1,9	2,6		8,3	0,4
P2		0,9	2,8	0,0	1,9
Qualquer, menos upp	1,9	0,9		0,0	3,4
Seseg		0,9		0,0	0,4
Barreira fiscal	1,9			0,0	0,4
Corregedoria	3,8			2,8	0,4
Gesar	1,9		1,4	0,0	0,4
Cães			4,2	2,8	1,9
Comunicação			1,4	0,0	0,4
Saúde			4,2	0,0	1,5
Forum					0,4
Montaria					0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Motivos pelos quais preferiria estar em outra unidade**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Aprendizado	6,0	3,6	10,4	2,7	3,2
Comunidade	4,0	5,5	1,5	2,7	2,4
Condições de trabalho	18,0	14,5	3,0	10,8	8,8
Identidade com serviço	22,0	22,7	19,4	35,2	26,8
Mais autonomia	2,0	10,0	6,0	5,4	6,4
Mais polícia	6,0	9,1	7,5	8,1	8,8
Mais segurança		1,8	1,5	2,7	2,8
Outros	2,0	3,6	4,5	5,4	4,0
Proximidade de casa	6,0	10,0	19,4	2,7	9,2
Questiona a UPP		1,8	1,5	2,7	2,0
Reconhecimento / respeito	2,0	5,5	3,0	5,4	6,0
Tipo de serviço	32,0	11,8	22,4	16,2	19,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Planos em relação ao seu futuro profissional**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Pretende fazer carreira na PM	62,7	68,4	70,3	57,8	67,6
Pretende sair da PM	25,3	14,0	19,8	21,9	19,7

Unidades de Polícia Pacificadora: O que pensam os policiais – Ano II (2012)

Já está procurando alguma coisa para sair	12,0	17,6	9,9	20,3	12,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Religião**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Evangélica	29,1	43,5	39,8	30,8	39,5
Católica	33,7	31,9	30,5	38,5	34,0

**Renda pessoal em salários mínimos (somando todos os seus rendimentos)**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Mais de 1 até 3	3,5	11,1	12,7	4,8	9,1
Mais de 3 até 5	61,6	60,7	66,1	66,7	63,5
Mais de 5 até 10	33,7	25,9	18,6	28,6	25,8
Mais de 10 até 20		2,2	2,5		1,7
Mais de 20	1,2				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

**Renda familiar em salários mínimos (somando todos os rendimentos)**

	CHAPÉU MANGUEIRA	TURANO	SALGUEIRO	CARATÊ	AMOSTRA
Mais de 1 até 3		1,5	4,4	1,6	2,7
Mais de 3 até 5 salários mínimos	25,0	26,5	23,7	31,7	24,0
Mais de 5 até 10	59,5	45,5	46,5	50,8	52,5
Mais de 10 até 20	13,1	18,2	21,9	14,3	17,2
Mais de 20	2,4	8,3	3,5	1,6	3,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0